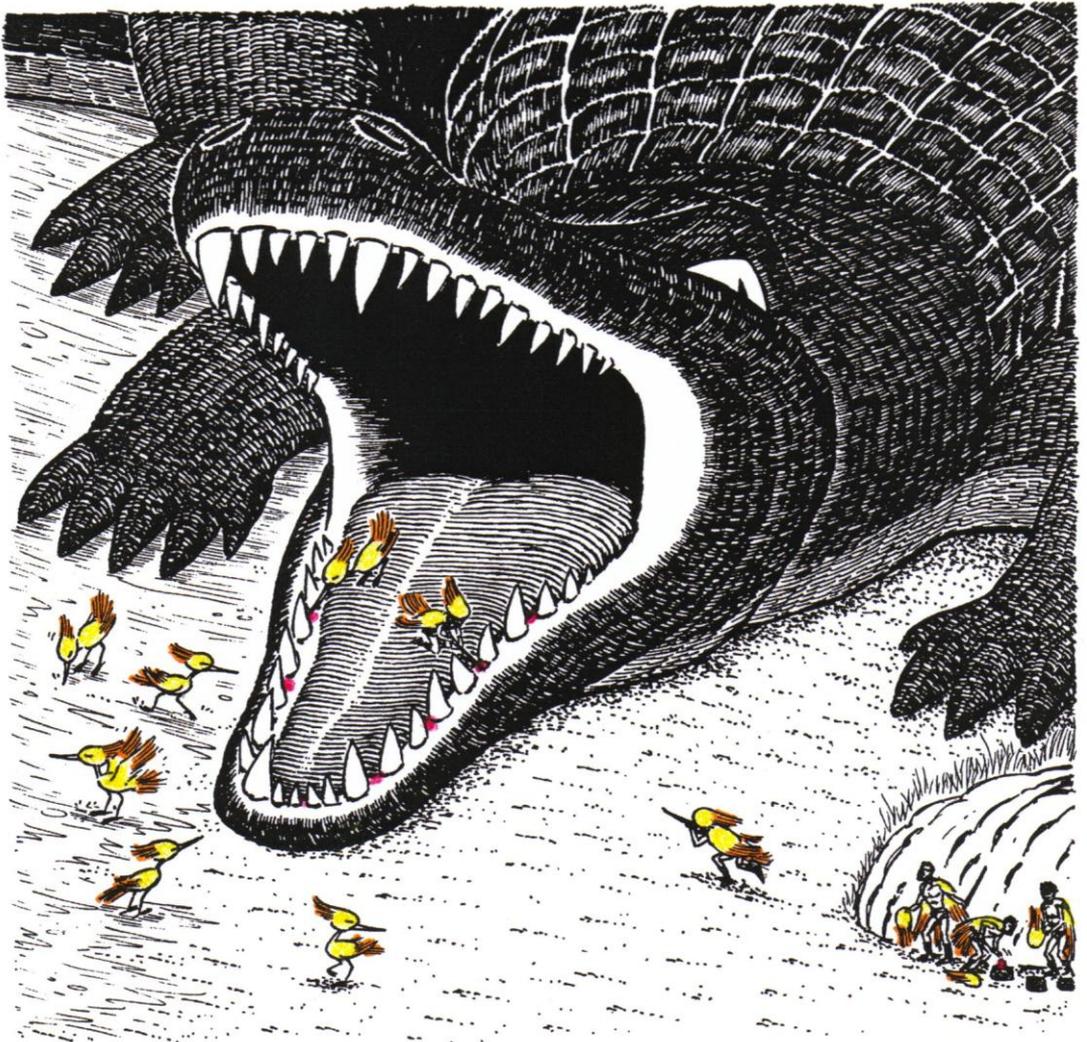


138



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 4

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

Tim e Tom (Saber) (B) 1 – R\$ 10,00 * **Jet Logan** (Paladino) (P) 2 – R\$ 4,00 * **James Bond** (Saber) (P) 6 – R\$ 4,00 * **Kansas Kid** (Super Plá) (R) 3 – R\$ 5,00 * **Vandália West** (Super Plá) (B) 1, 2, 3 – R\$ 6,00 c/ * **Praça Atrapalhado** (Super Plá) (P) 4, 6, 7, 14 – R\$ 3,00 c/ * **Capitão Mistério** (Bloch/1982) (B) 22 – R\$ 6,00 * **Clássicos de Artes Marciais** (Bloch) (R) 12 – R\$ 5,00 * **Especial Vampiras** (Bloch) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Snoopy** (Artenova) (R) 5, 10, 27, 29, 30 – R\$ 5,00 c/ * **Hagar** (Artenova) (B) 7 – R\$ 6,00 * **Zé do Boné** (Artenova) (R) 7, 19, 20, 21 – R\$ 5,00 c/ * **Charlie Brown** (Artenova) (R) 14, 17, 20, 29, 38, 39, 42 – R\$ 5,00 * **Kid Farofa** (Artenova) (R) 3, 4, 5, 6, 8, 14, 15, 16, 18 – R\$ 5,00 c/ * **BC** (Artenova) (R) 2, 4, 5, 6, 7 – R\$ 5,00 c/ * **Denis** (Artenova) (R) 3, 5 – R\$ 5,00 c/ * **Akim** (Noblet) (R) 20, 28, 40, 122, 124, 128, 142, 155, 156, 162, 166, 171, 176, 180 – R\$ 5,00 c/ * **Mister No** (Noblet) (B) 1 – R\$ 6,00 * **Ninja** (Noblet) (B) 3 – R\$ 6,00 * **Fantasma** (RGE) (R) 275, 284, 306, 307, 308, 328, 350 – R\$ 4,00 c/ * **Fantasma** (RGE) (P) 268, 321, 326, 336, 342, 356, 360 – R\$ 3,00 c/ * **Fantasma Especial** (Globo) (R) 12, 26 – R\$ 4,00 c/ * **Fantasma Extra** (Globo) (R) 22, 28, 31, 37, 38, 43, 47 – R\$ 4,00 c/ * **Zagor** (RGE) (R) 13 – R\$ 4,00 * **Sítio do Pica-pau Amarelo** (RGE) (B) 21 – R\$ 5,00 * **Transformers Especial** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Gibizinho** (Globo) (B) vários números – R\$ 3,00 c/ * **Comandos em Ação** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Dico** (RGE) (R) 6, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Tex Coleção** (Globo) (B) 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115 – R\$ 5,00 c/ * **Alf** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20 – R\$ 4,00 c/ * **Sérgio Mallandro** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Sérgio Mallandro** (Globo) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Você Sabia?** (Globo) (B) 2 – R\$ 5,00 * **Gugu** (RGE) (R) 8 – R\$ 5,00 * **Wizard** (Globo) (MB) 1 – R\$ 5,00 * **Sin City** (Globo) (MB) – R\$ 30,00 * **Morte – O Preço da Vida** (Globo) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ * **Revista Sebrae** (Globo) (B) 5 – R\$ 3,00 * **A Vaca Voadora** (RGE) (R) 4, 6, 7, 8 – R\$ 5,00 c/ * **Almanaque do Zero** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Pernalonga** (Globo) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Gasparzinho** (Globo) (R) 3, 4, 6 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Xuxa** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4 – R\$ 6,00 c/ * **Xuxa** (Globo) (R) 0, 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 31, 32, 33, 35, 38, 40, 41, 43, 48, 49, 51 – R\$ 4,00 c/ * **Cebolinha** (Globo) (B) 6 – R\$ 4,00 * **Chico Bento** (Globo) (B) 30 – R\$ 4,00 * **Cascão** (Globo) (B) 23, 36 – R\$ 4,00 c/ * **Grilo** (P) 33 – R\$ 2,00 * **Wolverine** (Panini) (MB) 2 – R\$ 5,00 * **O Triunfo dos Porcos** (Meribérica) (B) – R\$ 10,00 * **Super-Homem** (Abril/2ª s.) (R) 24 – R\$ 4,00 * **Fator X** (Abril) (R) 5, 7, 8, 13, 14, 21 – R\$ 4,00 c/ * **Liga da Justiça** (Abril) (B) 15 – R\$ 5,00 * **Capitão América** (Abril) (B) 62 – R\$ 5,00 * **A Saga de Thanos** (Abril) (B) 1 – R\$ 6,00 * **Heróis da TV** (Abril) (B) 61 – R\$ 5,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 138 MARÇO/ABRIL DE 2016

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 25,00

Assinatura anual correspondente aos n.ºs 137 a 142
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:
Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

Sem atraso... e sem encarte.

Até que já estou fazendo um, mas deu mais trabalho do que o esperado, então ficará para uma próxima.

As colaborações em texto estão em maioria, cortesia de Luigi Rocco, José Ruy, Carlos Gonçalves e o ‘Mantendo Contato’ do Worney. De minha parte, apenas alguns pequenos textos. E, é claro, na seção ‘Fórum’, cartas que valem por artigos.

Nos desenhos e ilustrações, Paulo Miguel e Rafael Grasel, Chagas e Assis Lima, Luiz Cláudio, Guilherme Amaro e Roberto Simoni.

A seção ‘Edições Independentes’ ficou menor do que o usual, acho que sem nenhum motivo especial.

Boa leitura!

MARCIO SIDNEI: ENTREVISTA

Matéria produzida em 1978 pela distribuidora ECAB, enviada por Luigi Rocco.

O problema da regulamentação das Histórias em Quadrinhos na imprensa brasileira é um assunto que preocupa sobretudo o artista nacional cujos trabalhos sofrem as maiores restrições impostas pelo cartum estrangeiro, com a conivência dos editores nacionais. Embora tenha sido regulamentado por decreto-lei assinado em 1963, a matéria continua sendo até hoje o grande “fantasma” que representa a importação de personagens do exterior simplesmente porque as empresas editoras não cumprem a sua obrigatoriedade. – Por **Marcio Correia Lima**.

A Editora Carneiro Bastos – ECAB, especializada na distribuição de cartuns genuinamente brasileiros e que luta há mais de três anos para impor o artista nacional no hostil mercado local, estrangulado pela maciça importação de nomes estrangeiros, reuniu em mesa redonda dois grandes desenhistas do quadrinho nacional – José Menezes e Marcio Sidnei Ehrlich – para debater a situação e de quebra ouvir o jornalista Henrique Caban, chefe de redação de um dos maiores jornais brasileiros (**O Globo**), cujas páginas abrigam os mais famosos nomes do “cartoon” internacional, em detrimento do produto nacional.

O QUE DIZ A LEI E O QUE NÃO CUMPREM OS EDITORES

No dia 23 de setembro de 1963, o então presidente João Goulart assinava o decreto-lei 52.497, que foi submetido ao Ministério da Educação de Paulo de Tarso, o qual disciplinava (e a partir dessa data nacionalizava) a publicação de Histórias em Quadrinhos. Segundo o decreto, as empresas editoras deveriam publicar, no conjunto de suas edições, 30 por cento de histórias nacionais a contar de 12 de janeiro do ano seguinte. A percentagem, que visava diminuir o afluxo de temas estrangeiros nas Histórias em Quadrinhos, seria aumentada para 40 por cento em 1965 e 60 por cento em 1966, sendo que os desenhos humorísticos e as ilustrações seriam exclusivamente nacionais a partir do próximo ano.

Mas, apesar dessas imposições, de lá para cá, parece que a lei não surtiu nenhum efeito ou não entrou totalmente em vigor, pois o que se vê publicado em quase todos os veículos nacionais, com raras exceções, é a maioria esmagadora de desenhos estrangeiros.

Marcio Sidnei Ehrlich é editor de Histórias em Quadrinhos de **O Globo**, além de ser crítico especializado na matéria e um estudioso da comunicação, fala do custo de uma tira de quadrinhos americana.

“Para nós que recebemos o produto já manufaturado e produzido em série, esse custo é relativamente barato. Mas para o “syndicate”, que contratou o desenhista, esse mesmo custo sai muito mais caro. Em alguns casos, de desenhistas famosos, às vezes a tira fica por 10 mil cruzeiros.” – N.E.: salário mínimo da época: Cr\$ 1.560,00.

Para a maioria dos cartunistas brasileiros, as portas dos principais veículos estão fechadas, as chances são mínimas de verem seus trabalhos publicados e os incentivos quase não existem.

Sobre esse tema, Marcio Sidnei explica que não são muito boas as perspectivas de abertura para o artista nacional, e que isso decorre sobretudo da situação acima exposta. Isto é, o fator econômico.

Como autor de quadrinhos que também é, e já tendo publicado inclusive durante alguns anos a série *Sir Lancelot* na **Tribuna da Imprensa**, e atual colaborador junto com o desenhista Adail da série *Aristeu, O Juiz*, Marcio comenta que sempre defendeu a criação de uma cooperativa que cuidasse dos problemas de produção e distribuição.

Segundo o editor de quadrinhos de **O Globo**, na realidade, tem sido muito difícil conseguir a união dos desenhistas, cujas principais causas ele próprio desconhece. Mesmo assim, ainda espera que a ideia venha a se concretizar. Interrogado sobre o que se tem feito em prol do desenhista brasileiro, responde:

“Sou a favor da criação de um sindicato nos moldes do existente nos Estados Unidos como única saída viável para regulamentação da situação do profissional no Brasil.”

Marcio Sidnei Ehrlich acha que o desenhista brasileiro carece de uma melhor formação técnica, principalmente no campo das artes visuais e gráficas para que este possa entrar num mercado cada vez mais competitivo e exigente. É preciso ser muito profissional.



Quanto a não devida divulgação do artista e de seus trabalhos, Sidnei Ehrlich é da opinião de que se deve montar um esquema perfeito de distribuição de âmbito nacional, onde permita o barateamento nos custos para os jornais interessados na compra das histórias. É praticamente impossível, afirma Marcio, para os veículos nacionais, pagar a exclusividade dos desenhistas, enquanto nos Estados Unidos existe a fórmula do “syndicate”, que cuida da produção e distribuição das histórias para o mercado local e externo.



Entre os profissionais brasileiros, ele destaca Luiz Fernando Veríssimo, Jaguar, Chico Caruso, Ziraldo e Jô Oliveira, entre outros. Do lado internacional, aponta o *Recruta Zero*, no original *Beetle Bailey*, e *Hagar*; e os desenhistas Feiffer, Moebius e Quino, entre os melhores.

O jornal **O Globo**, do Rio de Janeiro, é o único veículo brasileiro que não publica uma só tira diária de artistas nacionais; por outro lado, em suas páginas diárias, como no suplemento dominical, são editadas 19 histórias estrangeiras, para uma nacional, representada pelo *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Para o jornalista Henrique Caban, chefe da redação de **O Globo** e ferrenho defensor do “cartoon” importado, o desenhista nacional não existe, ou melhor, diz que só pode citar um: Maurício de Souza.

Com esse ponto-de-vista radical, Caban vai mais além e afirma que o artista nacional não tem mesmo chance. E acrescenta que esta só virá quando todos se unirem em torno de um órgão de classe, porque a união faz a força.

Embora sustentando a afirmação negativa de que o mercado vai continuar fechado para o desenhista brasileiro, Henrique Caban se contradiz e declara que tem tentado abrir as portas para os profissionais de casa, e que assim continuará fazendo. Contra a argumentação de que o que se vê todos os dias nos jornais brasileiros são só historietas americanas, meio embaraçado responde que isso é apenas uma questão de preço.

“Enquanto o custo for mais barato para o jornal, continuaremos dando preferência ao produto importado”, afirma Caban.

LEVANTAMENTO FEITO NO RIO DE JANEIRO JUNTO A DIVERSOS DESENHISTAS

Daniel Azulay, Fortuna, Caulos, Miriam Monteiro, Guidacci, Mollica, Coentro, Rico Lins, Reinaldo. Todos os citados trabalham eventualmente com HQ, sem condições, na maioria dos casos, de sobreviver apenas como profissionais de HQ. Do que foi conversado e tratado, deu para trazer as seguintes reivindicações e ideias:

1. Formação de um grupo que atuasse junto ao governo, defendendo os interesses da classe.
2. Lei de porcentagem: para jornais, uma parte das tiras nacional; para editoras, porcentagem nas páginas, porcentagem nas publicações.
3. Revisão da cessão de direitos. Abolição de recibos com cessão de direitos obrigatória.
4. Taxação e tabelamento nas bancas para igualar os preços de capa.
5. Criação de um tabelamento básico para cobrança de cada setor.
6. Obrigatoriedade de contrato.
7. Criação de um centro de distribuição.
8. Solicitação de incentivos fiscais.

Duas solicitações especiais de Fortuna:

1. Convidar o desenhista Luis Sá para integrar a Associação como membro honorário, bem como Alceu Pena e outros.
2. Devido à dificuldade de contato com desenhistas da Bloch, e outros na mesma situação, que se adiante os trabalhos, a Associação, etc, e depois se convoque todo mundo.

Num levantamento feito junto à Rio Gráfica, temos os seguintes dados:

Uma revista estrangeira de HQ, digamos o **Fantasma**, por exemplo, custa para ser feita no máximo 10 mil cruzeiros, isso incluindo direitos, tradutor, letrista, material de reprodução, cor e editoração, em 64 páginas.

O *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, revista que a Rio Gráfica está editando, sai mais ou menos 80 mil, em 48 páginas. São 8 mil por roteiro, 5 por cento do preço de capa pelos direitos, 5.600 por desenhista (são 4 desenhistas), mais outros salários, chegam a 40 mil ao todo de salários. Mais encargos e custo operacional. Isso fora o material de desenho, papel, tinta, etc, e fora o custo de implantação. A parte industrial é equivalente.

DEPOIMENTO DE JOSÉ RUY

*Trechos de Depoimento de José Ruy publicado no blog <http://bloguedbd.blogspot.pt>.
Esta quarta parte fala sobre o jornal infantil “O Papagaio” até seu encerramento.*

Foi nesta fase, em que **O Papagaio** se tornou suplemento da revista **Flama**, que iniciei uma série a que chamei de *Lendas Japonesas*, baseada em traduções de Wenceslau de Moraes, dando largas à minha apetência pelas culturas orientais.

Como o processo gráfico se tinha alterado tivemos de nos adaptar, o que me levou a criar soluções técnicas para tirar um melhor partido do efeito, mas tendo em conta não encarecer o orçamento oficial da revista.

A cor que se sobrepunha aos originais a traço era agora desenhada separadamente por nós e reproduzida em zincogravura para o processo tipográfico. A cor sobre o preto variava entre o vermelho, o azul, o verde ou um tom-de-mel.

Nas cores não tínhamos possibilidade de fazer meias-tintas, pois a zincogravura era só a traço, preto e branco, para o conseguirmos precisaríamos de utilizar fotogravura que era bem mais cara e que não estava previsto no orçamento da revista.

Lembrei-me então de experimentar fazer o desenho da cor sobre papel Fabriano e empregar lápis litográfico (bem negro) tirando partido do grão do papel para criar esbatidos por meio do granitado.

Mostro aqui uma das vinhetas das *Lendas*, que eram desenhadas ao dobro para beneficiarem da redução. A cor era feita sobre o papel Fabriano sobreposto ao original e trabalhada à transparência com tinta-da-china e lápis litográfico. Depois de feita a zincogravura a impressão final ficava com o aspecto da terceira imagem, dando realmente a ilusão de esbatidos. A cor era dada na máquina na altura da impressão.



Entretanto o Mesquita dos Santos, dono da UPI, União Portuguesa de Imprensa, frequentador das tertúlias n’**O Mosquito**, abordou-me por causa destas *Lendas Japonesas* que estava a publicar na **Flama**. Sabendo que eram feitas zincogravuras para a impressão, e que estas depois da publicação ficavam postas à parte, pois a revista não iria repetir as histórias, avançou com uma proposta singular.

Eu passaria a fazer os desenhos para a agência que me pagava o mesmo que a **Flama**, e a UPI encarregava-se de fazer as gravuras e cedê-las à revista por um preço simbólico, um quarto do seu custo, mais o preço dos desenhos. Depois da impressão, as gravuras seriam devolvidas à agência.

A partir dessas gravuras, a UPI faria “flans” ou moldes num material especial, uma fibra muito leve parecida com o cartão. Derretendo chumbo sobre esse molde conseguia-se o equivalente à gravura original. Essa operação era chamada de “estereotipia”.

Os “flans”, devido à sua leveza, podiam ser enviados pelo correio com portes acessíveis, para jornais de África, por exemplo, destinados a novas publicações. No destino, depois de feita a estereotipia, podiam inserir as ilustrações nas revistas e livros. Nos anos 1940 a tipografia era o processo mais usado nessas paragens. Eu receberia 50% do que cada jornal pagasse. Era uma novidade, pois pela primeira vez este tipo de operação se fazia em Portugal relativamente a Histórias em Quadrinhos nacionais.

Quando o Mesquita dos Santos apresentou a proposta à **Flama**, a administração mostrou-se desconfiada. Onde estaria o lucro da agência, se lhe cediam as gravuras por um preço muito abaixo do custo? Embora o Mesquita lhes explicasse o plano, custou a convencerem-se, mas venceu o facto de pouparem dinheiro. Por isso a partir de certa altura no cabeçalho das *Lendas* surgiu o nome UPI. O Mesquita dos Santos enviou as propostas para jornais de África...

Embora o processo que apresentei anteriormente, de usar papel Fabriano e lápis litográfico para fazer a cor sobre os desenhos, de modo que resultasse com aspecto de meias-tintas, mesmo em zincogravura, pensei arranjar um outro mais prático e que pudesse também ser utilizado facilmente pelos colegas. Pedi para que na União Gráfica fizessem uma zincogravura de uma trama e tirassem provas de prelo em papel acetinado mas fino. As provas tinham o formato das tiras dos nossos originais que executávamos em tamanho grande. O ponto dessa trama reduziria conjuntamente com o desenho dando então uma tonalidade cerca de 30% da intensidade da cor forte. Sobre os originais a traço, depois de desenhadas a tinta-da-china, sobrepunha essas tiras e, à transparência, tapava com guache branco as zonas que queria ficassem brancas, sem trama, e com tinta-da-china pintava o que desejava ficasse em cor forte. Quando os desenhos eram reduzidos para o tamanho em que iam ser impressos na revista, a trama apertava, apresentando à vista o aspecto de meio-tom. Desta forma, as reproduções mantinham-se em zincogravura, não obtendo esbatidos, mas conseguindo uma meia-tinta uniforme e sem ser preciso usar fotogravuras, que eram mais caras. Mas foi apenas o Vitor Silva quem também utilizou este meu processo, pois sendo igualmente um profissional gráfico reconheceu a vantagem da inovação. A arte gráfica tem em tudo o que fazemos para reproduzir, uma notória importância no efeito que pretendemos conseguir no final do trabalho, ao ser impresso.



Primeiro, a trama mecânica impressa em papel acetinado. Embaixo, à esquerda, o desenho original (de uma HQ de Vitor Silva). Embaixo, à direita, a definição da cor feita com guache e nanquim sobre a trama mecânica. Em cima, à direita, o quadro impresso com as duas cores.

Esta nova redação d' **O Papagaio/Flama** passou a ter outra vida, com mais movimento, com a presença de outros colaboradores da revista mãe, e entre eles destaco o Neves de Sousa, um jovem a formar-se em jornalismo, muito magro (sublinho isto porque depois deitou muito corpo) e que estava sempre com pressa, a correr de um lado para o outro. Simpaticamente o Carlos Cascais alcunhou-o de 'Ventoinha'. Ele sabia, mas não se importava e até achava graça. Criei então um personagem com esse nome, que entrou em algumas histórias publicadas n' **O Papagaio**.

Nessa altura publiquei uma série de pequenas histórias em que o cenário escolhido foi o território português. Continuávamos, os colaboradores, sem ter qualquer imposição de temas nem alteração ao que apresentávamos. O clima era saudável e gostavam do nosso trabalho, pois fámos evoluindo. O Carlos Cascais, poeta e escritor, colaborava com poemas e contos que ilustrávamos. A última história dessa série que publiquei foi um pouco mais longa do que as outras, e viria a ser mesmo a derradeira neste suplemento. Foi com o semblante fechado que o Carlos Cascais, num dia triste, nos transmitiu uma notícia que recebera da administração: tinham decidido acabar com o suplemento infantil. Achavam que não se justificava mantê-lo pois não tinham qualquer indício de interesse vindo do público. Era natural, uma vez que não havia uma secção de correio dos leitores dando-lhes a possibilidade de colocarem questões, justificando respostas e estabelecendo o diálogo.

Estávamos no início da década de 50 do século XX quando **O Papagaio** deixou de "palrar". Dizia-nos o Frei Diogo depois dessa decisão que não tinha recebido uma única carta a perguntar o motivo de terem acabado com o suplemento, nem a demonstrar terem sentido a sua falta. O Vitor Silva ainda se manteve algum tempo a ilustrar contos e novelas para a **Flama**.

BENJAMIN PEPPE E AMIGOS
NA ONDA DO COSPLAY!



Ilustração de **Rafael Grasel** com a Turma do Benjamin Peppe, de **Paulo Miguel dos Anjos**.

CRIAÇÃO, TEXTO E ARTE
DE CHAGAS LIMA

ICFIRE





ICFIRE, ME
RESPONDE
UMA COISA.

Chagas Lima 09

CH-ICF1PAG-003-03/01/2009

PODE PERGUNTAR
O QUE QUISER,
ORIOK.



ÀS VEZES, VOCÊ
NÃO ACHA QUE
POR TER
SUPERPODERES
É MAIS IMPOR-
TANTE QUE
OS OUTROS?



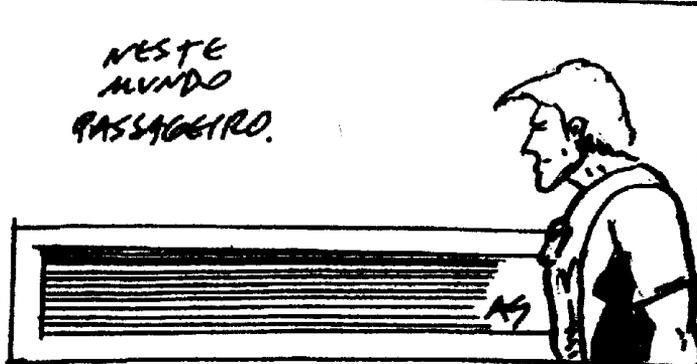
ORIOK CRIADO POR
CHAGAS LIMA



ORIOK, A GENTE
PENSA MUITA
BOBAGEM
DURANTE O
DIA.

FIM

Colaboração de Chagas Lima.



Colaboração de Assis Lima.



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

HISTORIAL DO CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA

Texto enviado por Carlos Gonçalves.

O Clube Português de Banda Desenhada foi criado a 28 de junho de 1976, mercê da iniciativa de quatro colecionadores e interessados na Banda Desenhada, na altura cheios de boa vontade e com desejos de completar as suas coleções e, talvez, tentar divulgar a 9ª Arte no nosso país. A primeira iniciativa era a principal e as outras vieram por novos conhecimentos que viriam a adquirir e a desenvolver. Depois de uma angariação de sócios, o CPBD veio a deslocar-se a Lucca (cidade italiana onde se realizava todos os anos um Festival de Banda Desenhada), na pessoa de um dos membros do Clube e a convite do Vasco Granja, para ali apresentar na forma de diapositivos um estudo sobre a Banda Desenhada Portuguesa. Estávamos no final desse ano.

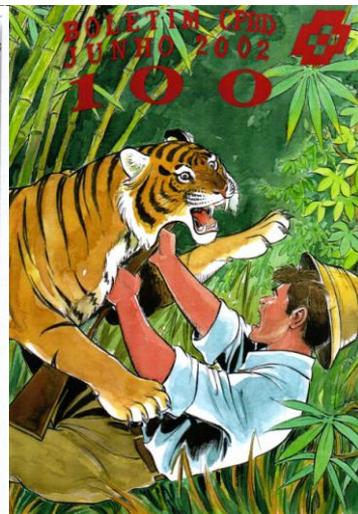
Uma das principais iniciativas do CPBD e que ainda hoje continua a ser um marco na sua história, foi o de publicar a partir de março de 1977, o seu órgão informativo, um fanzine intitulado **Boletim do CPBD**. Ao longo dos anos esse fanzine viria a lançar em suas páginas muitos trabalhos de novos desenhadores, sócios ou não do CPBD, interessados em ver as suas histórias de Banda Desenhada publicadas. Uma pré-seleção de todo esse material permitia que, embora a sua qualidade gráfica não fosse das melhores, a impressão era feita a stencil, pelo menos tentava apresentar o que de melhor era criado pelos jovens autores. Com o passar dos anos, a qualidade gráfica do **Boletim** foi melhorando, não só acabaria por surgir com algumas páginas a cores, como a qualidade de impressão era melhorada de ano para ano. Também as informações

prestadas neste fanzine, não só através de artigos sobre a 9ª Arte, como de anúncios de sócios que queriam fazer as suas trocas de revistas, eram um modo de comunicação acessível a todos os interessados. Desse modo melhoravam as suas coleções, adquiriam conhecimentos sobre o material que colecionavam, souberam as datas das revistas, obtiveram conhecimento dos seus suplementos, e a numeração de cada coleção, além de qual o melhor modo de conservar cada revista.

Estudos exaustivos têm sido ali apresentados, como a história da revista **O Mosquito** e outros sobre personagens de sucesso da Banda Desenhada, como o caso de **Sexton Blake** e outros. Devido à quotização ser pequena, só foi possível oferecer aos sócios gratuitamente o **Boletim** a preto e branco. Quando o mesmo foi renovado e melhorou bastante o seu aspecto gráfico, tal tornou-se inviável, até porque alguns sócios não mantinham as suas quotas em dia.

Por esta altura seriam também publicados dois álbuns de Banda Desenhada com trabalhos de Victor Péon, **O Neto de Cartouche** (1976) e de Eduardo Teixeira Coelho, **O Suave Milagre** (1977) com a chancela do CPBD. Cada um deles teria a numeração do sócio e eram oferecidos.

A 10 de fevereiro de 1978 e até 19 do mesmo mês, apresentou no antigo edifício da FIL, uma vasta exposição de reprodução de imagens da 9ª Arte, subordinada ao título de *100 Anos de Histórias aos Quadrinhos em Portugal (Um Panorama da Banda Desenhada Portuguesa)* e enquadrada na Exposição FILgráficaFILescola. Esta primeira exposição irá tornar-se itinerante e depois de se ter deslocado ao Funchal/Madeira em fevereiro de 1979, seria exposta em Aveiro, Viseu, Portalegre e outras cidades de Portugal, nomeadamente Guimarães. A partir de 17 e até 30 de abril do mesmo ano, seria criada uma nova exposição intitulada *A Banda Desenhada e Sua Acção Pedagógica*. A sua realização teria lugar no edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes. O CPBD viria a colaborar também numa Exposição de Banda Desenhada, numa realização da Secretaria de Estado e Cultura na Galeria de Arte Moderna de Belém em agosto de 1979. Nesta fase de divulgação e expansão do CPBD serão vários os trabalhos solicitados, quer para Liceus (onde efetuou exposições) quer como júri de alguns Concursos de Banda Desenhada, a nível nacional, inclusive os *VideOsDITOS*, patrocinado pela TV.



A 20 de julho de 1980 inicia uma colaboração frutuosa com o jornal **Correio da Manhã**, que se manteria ativa durante 18 anos, através da publicação semanal nas suas páginas, de um suplemento *Correio da Banda Desenhada*, onde além de notícias do que se passava no Mundo da Banda Desenhada, passariam a ser entrevistados muitos dos desenhadores portugueses que até aí eram quase uns ilustres desconhecidos. Ainda em finais de 1980 realizará uma mini-exposição sobre a figura de Camões na Banda Desenhada, na antiga FIL. Também o jornal **O País** oferece as suas páginas ao CPBD, a partir de junho de 1981, para a publicação de um suplemento intitulado *O País Jovem na Banda Desenhada*, mais tarde simplificado para *Banda Desenhada*, que durou até ao fecho do jornal.

Mas o maior salto qualitativo nas atividades do CPBD será a criação do *I Festival de Banda Desenhada de Lisboa*, igualmente realizado na FIL, durante a *Exposição Nauticampo* em março de 1982. Seguir-se-ão o *II* (1983) no mesmo local, tendo este a particularidade de pela primeira terem sido criados os prémios *O Mosquito*, que irão distinguir as individualidades que mais se destacaram no campo da Banda Desenhada, o *III* (1984) e o *IV* (1985). Em 1985 numa ligação com o antigo FAOJ (mais tarde Instituto da Juventude), foram instituídos Concursos Nacionais de Banda Desenhada com prémios pecuniários. Este seria outro ano onde o CPBD colaboraria em várias exposições, uma delas no Palácio Foz. No ano seguinte, em 1986, será também na Feira Popular de Lisboa, que se realizará uma Exposição e Venda de Banda Desenhada. A colaboração do CPBD em jornais estendeu-se ao **Diário Popular** onde, em 21 de setembro de 1985, apareceu o suplemento *Tablóide*, que durou um ano. Seria substituído a partir de 25 de setembro de 1993 por uma coluna da 9ª Arte, que se transformará mais tarde numa página e em várias ao longo dos anos, inclusive colaborando no seu suplemento *Pimba*, com três e quatro artigos semanais. Tal colaboração manter-se-ia durante cinco anos, até ao desaparecimento do jornal e do seu suplemento.

Os festivais continuarão todos os anos ainda na FIL (1986), até que durante o *VI* (1987), deixou de haver a possibilidade de continuarmos nesse espaço e o Fórum Picoas cedeu-nos as suas instalações, para em dezembro de 1987 (18 a 27) ali realizarmos o acontecimento. Neste festival seria criado pela primeira vez mais um prémio, *A Vinheta*, que premiava fanzines. Todos os anos o CPBD continua a organizar Concursos de Banda Desenhada. O *VIII Festival* (dez/1989) será realizado neste ano, nas instalações da Rádio Renascença/Espaço Poligrupo. O *IX* (17 a 23 de fevereiro de 1990) será realizado de novo no Fórum Picoas. A partir do *X Festival* (20 a 26 de novembro de 1991) até ao *XV* (4 a 7 de setembro de 1996) e último, passarão a ser realizados nas instalações do Palácio da Independência. Em abril de 1992 realiza uma *Exposição de Banda Desenhada* na Câmara Municipal de Lisboa (Praça do Município), sobre novos desenhadores portugueses.

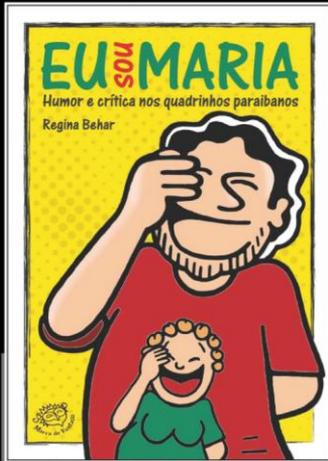
Entretanto serão também realizadas Feiras de fanzines na Estufa Fria, num total de três, ao longo dos anos. O **Jornal da BD** durante um ano teve também uma página com a colaboração do CPBD. Em 1994 realiza também um *2º Salão de Banda Desenhada* de novo na Feira Popular. Ao finalizar este longo período de grande atividade do CPBD, editou ainda mais duas brochuras, uma com as aventuras de *Quim e Manecas* (1988) de Stuart, e outra com a história de *34 Macacos e Eu* de Fernando Bento. A partir daí a inércia acompanha as atividades do CPBD, resultando unicamente na continuação da publicação de seu **Boletim**, o fanzine mais antigo que se publica em Portugal. Encontram-se agora reunidas as condições para ultrapassar esta situação e tentar encontrar novos sócios que acreditem neste projeto, para o futuro serem planeadas novas iniciativas, mais ou menos ambiciosas, para a sua continuidade como entidade acreditada na divulgação da Banda Desenhada, quer portuguesa, quer estrangeira.

Leilões de Banda Desenhada, Atelier de Desenho, Exposições, Colóquios, Lançamento de Novas Publicações, Cursos de Banda Desenhada e Debates. Esta é a meta a que propõe atingir o CPBD, agora renovado. Mercê de uma parceria com a Câmara Municipal de Amadora/Festival de Banda Desenhada e com novas instalações a serem-nos cedidas por esta edilidade, sitas na Avenida Brasil 52-A, Falagueira, Amadora, o CPBD está perante o abrir de um novo futuro, com todas as iniciativas que agora se propõe levar a bom termo. As instalações são amplas e oferecem grandes possibilidades para a concretização de qualquer evento.



À esquerda, fachada da sede do CPBD; à direita, aposento interno com uma página de **O Mosquito** reproduzida no piso.

MARIA EM DOSE DUPLA



EU SOU MARIA: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos
Regina Behar
124p. 14x20cm.

MARIA strip...
arrepiando na saia
Nadja Carvalho
88p. 14x20cm.

Ensaaios sobre a personagem Maria em seus aspectos político e poético.



marcadedfantasia@gmail.com
www.marcadedfantasia.com

desvendando alma em matéria pouca

Edgard Guimarães

Sempre me causa admiração o fato de os pais se darem ao trabalho de escolher um nome para seus filhos e depois insistirem em chamá-los por algum apelido. Por que já não batizam o infeliz com o apelido, já que, parece, hoje se pode registrar qualquer nome em uma criança?

Embora a atribuição de apelido seja bastante comum no Brasil, acho que aqui não chega ao nível patológico que atinge nos Estados Unidos da América. Nem a elite política escapa: entre os Kennedy, o John foi John mesmo, mas o pai era Jack e os dois irmãos, Bob e Ted. O Clinton era Bill, o Carter era Jimmy e por aí vai.

Os personagens de Histórias em Quadrinhos não escaparam à tara ancestral. A ponto de, em vários casos, haver estranheza quando se revela o verdadeiro nome do personagem querido há várias décadas. Listarei a seguir alguns casos, omitindo o nome pelo qual o personagem ficou conhecido, apenas para que o leitor possa exercitar seus conhecimentos na área.

George Gordon foi criado em 1934 por Alex Raymond juntamente com mais dois personagens de sucesso. Embora não tenha sido o primeiro herói espacial, foi o mais famoso e emblemático.

O primeiro herói espacial dos quadrinhos foi **Anthony Rogers**, criado por John Dille e Richard Calkins, em 1929, a partir de romance de Phillip Nowlan. Já o terceiro herói espacial, **Bradford**, tem toda cara de ter apelido... mas não é.

Alex Raymond, ao voltar da guerra, em vez de retomar seus personagens principais, preferiu criar um novo. Inicialmente teria o sobrenome O'Rourke, mas acabou batizado **Remington Kirby**, que foi um dos maiores detetives particulares dos quadrinhos. Até sua namorada, Judith Lynne Dorian, que inicialmente se chamaria Taffy, quase nunca foi tratada pelo verdadeiro nome durante todas as suas aventuras.

Milton Caniff, ao abandonar Terry e os Piratas (qual seria o nome de Terry? Terence?) criou, em 1947, **Stevenson Burton Canyon**, um ex-piloto da Aeronáutica que retorna à vida civil.

Roy Crane também abandonou uma série famosa, Wash Tubbs, depois chamada Captain Easy, para criar outra, em 1943, sobre um também piloto, este da Marinha, **J. G. Sawyer**, nos anos finais da Segunda Guerra.

Mais um piloto, criação de Frank Robbins em 1944, **John** (?), parece que tinha apelido no nome e sobrenome.

No Brasil, alguns desses heróis foram publicados com o título original, mas outros foram curiosamente mudados, digo curiosamente, pois os novos nomes dados por aqui também contêm apelidos: **Nick Holmes, Jim Gordon, Ted Ciclone, Bill Pestade, Tony Corisco, Dick James...**

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

FÍSICA COM MARTINS E EU

Edgard Guimarães

Eu já havia lido sobre esta obra, mas só recentemente consegui adquirir o que acredito serem os dois únicos volumes, apesar de na capa do segundo estar escrito “Fascículo 1”. Trata-se da coleção **Física com Martins e Eu** de autoria de Pierre Lucie, professor do Departamento de Física da PUC/Rio de Janeiro, cuja “edição preliminar” foi publicada em 1969. O primeiro volume traz como conteúdo Introdução à Física e Cinemática. O volume II, como o acréscimo de que se trata do Fascículo 1, traz Dinâmica da Partícula. Não sei se houve outros volumes.

Como já deve ter dado para perceber, são dois livros didáticos de Física, destinados aos alunos do que já se chamou Científico, Colegial, Segundo Grau, Ensino Médio, ou seja lá que nome isso tenha hoje.

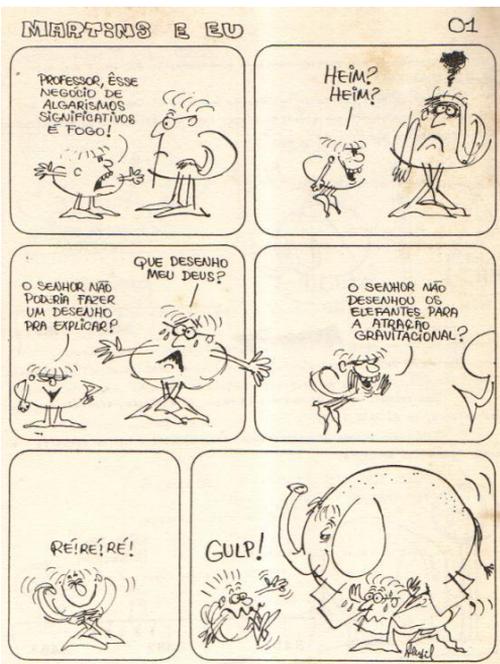
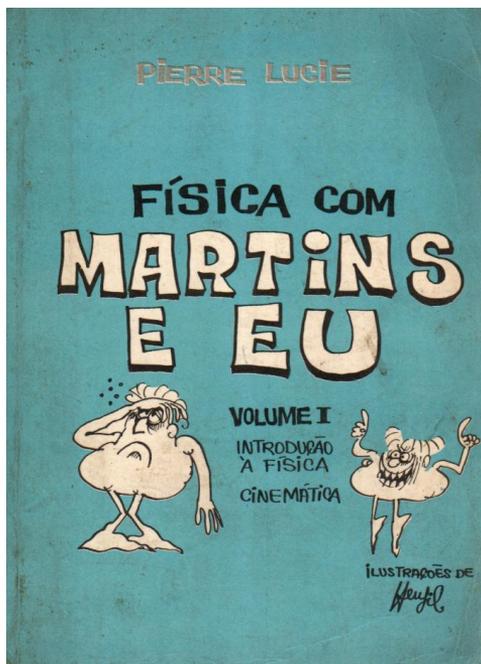
O que essa coleção tem a ver com Histórias em Quadrinhos? Acontece que o tal Pierre Lucie tinha suas ideias próprias de como deveria ser o ensino de Física e entre elas estava a inclusão de desenhos, cartuns e HQs como facilitadores da aprendizagem. Não era algo que nunca tivesse sido feito antes, pelo contrário, a década de 1960 foi meio pródiga nesse tipo de experiência. Will Eisner passou parte das décadas de 1950 e 1960 fazendo manuais ilustrados para as Forças Armadas e empresas americanas.

O que há de notável nestes dois livros de Física é que as ilustrações, cartuns e HQs foram feitas por Henfil, sim, ele mesmo, o famoso Henfil, que neste ano de 1969 já era bem conhecido. Seus Fradinhos foram criados em 1964 e Henfil era uma das estrelas de **O Pasquim**, lançado no mesmo ano de 1969.

Para o livro de Pierre Lucie, a figura central era o aluno Martins, um dos protagonistas do título, sendo o outro, o “Eu”, o próprio Pierre. Martins simbolizava o aluno que desafia o professor a tentar ensiná-lo. Em termos de concepção gráfica, não dá para não enxergar em Martins o Baixim dos Fradinhos.

O primeiro volume do livro tem mais de 500 páginas e trouxe cerca de 30 HQs de *Martins e Eu*, as menores ocupando apenas uma tira, e as maiores ocupando até 7 páginas, sendo a maioria de 1 página. O segundo volume tem cerca de 400 páginas e em torno de 25 HQs. Além disso, há centenas de pequenas ilustrações ao longo dos dois volumes.

Não li os dois livros para comprovar se os quadrinhos de Henfil tornaram a aprendizagem mais eficiente.



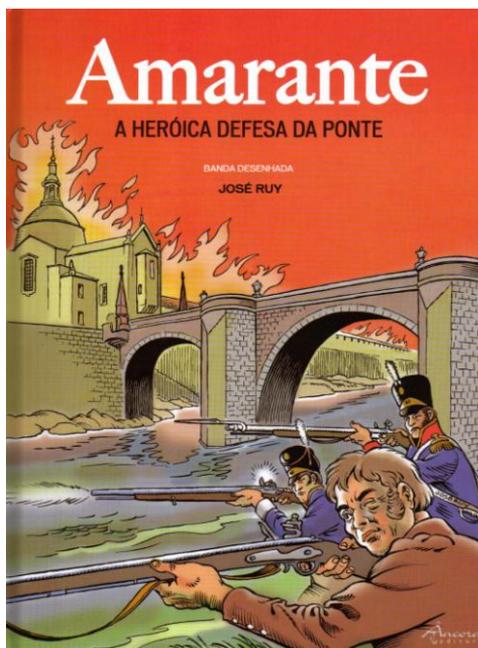
FÓRUM

JOSÉ RUY

Praceta de São Braz, nº 3, piso 5 – Amadora – 2700-799 – Portugal

Ontem enviei o livro “Amarante” em BD. O “Leonardo Coimbra” ainda não o arranjei, penso que daqui a mais uns dias e depois envio-lhe também.

Recebi seu belo álbum, “Amarante – A Heróica Defesa da Ponte”. Belíssimo trabalho, dá gosto ler uma história bem feita, numa edição bem cuidada, capa dura, ótima impressão, tudo ajudando à melhor leitura. E os parabéns são extensivos à Âncora, que tem mantido essa coleção de relatos da História de Portugal em forma de Quadrinhos.



JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

Seu pacote chegou na 4ª feira e sua bela capa me impactou de cara! Maravilha!!! Rafael, Chagas Lima e Assis dão muita leveza nas páginas iniciais. Não conhecia o Homem Força e tampouco o seu criador Altair Gelatti, e você fez um justo e belo resgate. Continuo curtindo o depoimento de José Ruy, sempre interessante. ‘Quadrinhos: Problemas de Artistas Nacionais’ sobre o grande José Menezes é imperdível! Desenhei o Fantasma para a Rio Gráfica sobre inspirados roteiros de Menezes, que sempre fugiam do lugar comum. Fiquei sabendo de detalhes curiosos do processo de trabalho do saudoso Colonnese, graças ao ‘Mantendo Contato’ do meticuloso Worney. Nota dez para o caderno “Publicações Bonelli no Brasil”, de Carlos Gonçalves. Ele não esqueceu de “Carabina Slim”, da editora Noblet, onde republicuei em capítulos o meu ‘O Gaucho’, que fora publicado de 1964 a 1965 no tabloide dominical “A Folhinha de S. Paulo”.

ELMANO SILVA

R. Professor Schutzler, 466 – Joinville – SC – 89218-183

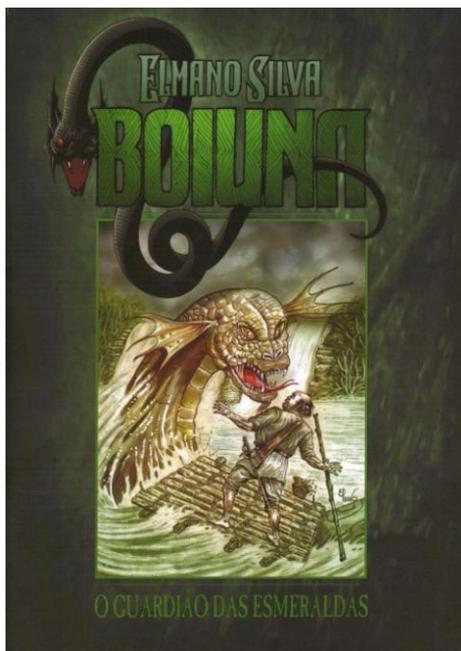
Remeti para você, hoje pelo Correio, o álbum “Boiuna – O Guardião das Esmeraldas”, meu recente trabalho. Espero que o amigo goste. No mais, vou continuando na produção de novos “rabiscos” e “borrões”.

Recebi seu maravilhoso álbum. Muito bom, li de uma sentada, como dizem que dizia o Marcel Proust. Muito bem produzida a edição e sua história está ótima, parabéns. É muito bom ler uma história um pouco maior, no tamanho aproximado de um álbum europeu, num tamanho maior e em preto e branco. Mas vou lhe ser franco num detalhe, eu ainda prefiro o letreiramento manual, acho muito mais simpático. Não faz muito tempo, mandei uma HQ para um amigo que pediu e ele publicou substituindo meus balões escritos à mão por textos feitos no computador. Talvez ele tenha achado que me fazia um favor.

Fico feliz por você ter gostado do “Boiuna”. Quanto ao letreiramento no Photoshop, você tem toda a razão. Estou produzindo o álbum do Silas Verdugo, “As Brigadas”, continuação daquele outro, “A Origem”, publicado pela Marca de Fantasia, com letreiramento ainda no Photoshop, mas jurei que será o último trabalho com uso de fontes do Photoshop.

A questão do letreiramento. Imagino que quem faz as letras no computador o faz por questões práticas, ou seja, é mais fácil e rápido fazer assim. A mesma questão em relação ao colorido. Ora, se isso facilita o trabalho e não causa prejuízo, aos olhos do leitor, então que seja assim. Eu acho que fica mais fácil e pessoal fazer este trabalho manualmente, mas acho que sou voto vencido.

Curiosidades: O Hal Foster não fazia o letreiramento de ‘Príncipe Valente’, havia um profissional para isso, durante boa parte do tempo em que Foster fez a série. Aqui no Brasil, o Marcatti conseguiu que alguém criasse uma fonte de computador imitando a letra dele, então parece que é a caligrafia dele, mas é feito no computador.



Li hoje o número 3 da ‘Pequena Biblioteca Sobre Histórias em Quadrinhos’, ‘Suplemento de Quadrinhos da Folha de S. Paulo’. Muito boa a pesquisa e o registro da trajetória desse suplemento, é um trabalho hercúleo e fundamental para a memória dos quadrinhos no Brasil. Parabéns por tanto fôlego e dedicação. Lembro-me de ter visto uma ou outra edição do suplemento “Quadrinhos” na década de 1970, tenho até alguns poucos na Gibiteca Henfil. Fiquei impressionado com sua investigação sobre o tema por ter revelado o incrível amorosismo dos editores no que toca a política editorial e ao sequenciamento da publicação. Nós tivemos na Paraíba dois suplementos – “O Norte em Quadrinhos” e “O Pirralho” – editados na mesma época, mas com muita competência. Nem de longe os editores locais – um deles Deodato Borges – cometeram tanta displicência com os quadrinhos como os da “Folha de S. Paulo”. Isso mostra como os quadrinhos no país foram, e ainda são, tratados como subcultura descartável.

Sua reflexão final também mostra sutilmente a soberba de certo grupo que se apossou do espaço de quadrinhos do jornal para a autopromoção e a exclusão de quadrinhistas como Ciça, Maurício de Sousa e outros que tinham acesso ao suplemento. Isso talvez um dia mereça uma reflexão mais às claras, mesmo que signifique mexer em totens de nossos quadrinhos.

Fico satisfeito que tenha lido com atenção o trabalho sobre o suplemento de Quadrinhos da “Folha”, mesmo, como você mencionou, o suplemento não ter sido uma leitura sua na época em que foi editado. No meu caso, fez parte de minha infância/juventude, embora na época eu não tivesse acesso a todos os números.

Há uma parte do trabalho que é desgastante, fazer aquele levantamento de cada série em cada número em que foi publicada. Mas, depois, com o material todo organizado, escrever os textos, aí é muito bom.

E foi bom você fazer a comparação com os suplementos dos jornais paraibanos. Há sempre o (pre)conceito de que o que se faz em Sumpaulo é que é bom, quando, na verdade, pessoas competentes, mesmo com restrições de recursos, fazem coisas boas em qualquer lugar.

GAZY ANDRAUS

R. Jacob Emerick, 458/805 – Centro – São Vicente – SP – 11310-070

Edgard (e Henrique): divulgarei seu zine em PDF com esse meu texto a seguir no Facebook.

“Trata-se de uma inusitada parceria entre Henrique Magalhães (“Marca de Fantasia”) e Edgard Guimarães (“QI”): Magalhães lhe propôs manter em seu site o fanzine histórico “QI – Quadrinhos Independentes”, em PDF, sempre após o lançamento impresso bimestral (que somente é vendido por assinatura). O zine “QI” é reconhecido pelo seu valor histórico e informativo que abrange desde os fanzines e lançamentos, como artigos e textos pertinentes também aos quadrinhos e com uma seção de cartas excepcional e de alto nível. Em realidade, com mais de 25 anos sendo produzido pelo faneditor, quadrinhista e professor de engenharia do ITA, Edgard Guimarães, o “QI”, que já está no nº 137, supre uma importante lacuna que existe até hoje no Brasil, salvo poucas exceções anteriores: o da publicação de uma revista especializada na área de HQ e fanzines. Agora, com a iniciativa de Magalhães em seu site Marca de Fantasia, pode-se baixar números anteriores que pouco a pouco poderão ser inseridos em PDF no site. Nesse momento, pode ser baixado o “QI” de número 136 aqui: www.marcadefantasia.com. Saúdo Magalhães pela bela e importante e essencial iniciativa e Edgard Guimarães por manter acesa a chama da informação do fanzinato e da área quadrinhística e apreciação artístico-crítica que se encontra em seu fanzine. Detalhe: a versão em PDF do “QI” contém cores na maioria das páginas e principalmente nas capas da seção “Edições Independentes”. Um material não só colecionável, mas remarcável como fonte de informação histórica da área.”

Parece que você está seguindo na ‘linha’ do Magnago com os ‘suplementos’ do “QI”: Desta vez, foi o volume 1 dos ‘Registros sobre Publicações de Quadrinhos’... Mas imagino que este tenha sido um trabalho bibliográfico particularmente útil quanto aos quadrinhos no Brasil, pois se há algo que tem se mantido constante, no correr das últimas décadas, é o interesse dos leitores (de todos os tipos e idades, parece-me) quanto às “Publicações Bonelli”, especialmente Tex, como fica claro no texto. Notei que, neste trabalho, foram usadas várias palavras e expressões pouco comuns por aqui, como “a seguir à Guerra”, “pejadas”, “fulcrais”, “escaparates”, “panóplia” ou “de qualquer dos modos”; Carlos Gonçalves é porventura português?

Carlos Gonçalves é português e fez este trabalho inicialmente para os colecionadores portugueses se inteirarem das edições Bonelli publicadas no Brasil e muitas vezes distribuídas em Portugal. Como o assunto é certamente do interesse do leitor brasileiro, cedeu-me o trabalho para que saísse no “QI”.

Para mim, a grande notícia deste número é que, graças ao Henrique Magalhães, a partir do nº 136 o “QI” estará disponível, numa edição digital (PDF), no site www.marcadefantasia.com. Isto é algo que tenho proposto faz tempo, e espero que, de agora em diante, continuará no futuro. Assim, também, fica resolvido o problema daqueles que têm dificuldade em adquirir o zine físico, e cobrir as despesas com sua confecção e envio – porém, se isto levar à diminuição progressiva e rápida dos assinantes, chegará o dia em que a publicação em papel se tornará antieconômica...

Após os comentários na sua correspondência com o Henrique Magalhães, apresentada no ‘Fórum’ deste número, parece que foi encontrado o ‘equilíbrio ideal’, pois o arquivo ficou com bem razoáveis 5MB, com excelente resolução e legibilidade. E os números anteriores ao 136, como ficam? Talvez vocês possam fazer a mesma ‘mágica’ com os mais recentes, mas tenho certeza que, em algum ponto do passado, isso não será mais viável; e af?

Aliás, a digitalização dos fanzines brasileiros é algo que me parece uma necessidade tão evidente, mas esbarra em problemas logísticos, pois exige gente com disposição e disponibilidade, equipamentos relativamente raros (pois boa parte dos zines tem sido feita em tamanho “ofício”, que não cabe – pelo menos não em uma só passada – na maioria dos scanners), e sites dispostos a hospedá-los e arcar com o aumento do tráfego de dados decorrente, agora e no futuro. Há algum projeto maior sobre isso?

A colocação do “QI” para download no site da Marca de Fantasia é uma experiência a ser considerada. Não estou especulando muito sobre as consequências ou desdobramentos. Por enquanto, vou colocando, enquanto o Henrique Magalhães estiver disposto, os números que saírem. Sem os encartes, pelo menos no momento.

Entendo, mas imagino que o processo seria o mesmo – e alguns desses anexos devem ser do interesse de vários pesquisadores, então imagino que haverá perguntas a respeito, logo...

Os números anteriores ainda não estão nos meus planos por uma simples questão de prioridades. Minha prioridade é fazer cada novo “QI”.

Faz muito sentido! Da sua parte, a preparação para a ‘digitalização’ envolve muito trabalho/tempo? Também imagino que indo ‘para o passado’, chegará um momento em que você não mais terá arquivos como os usados pelo Henrique Magalhães no “QI” 136, e aí talvez o caminho seria simplesmente scanear os exemplares impressos (perdendo-se a possibilidade de acessar os textos diretamente na edição digital, mas ainda bem melhor do que não tê-los. Aproveite para repetir a pergunta (do último parágrafo): “Aliás, a digitalização dos fanzines brasileiros é algo que me parece uma necessidade tão evidente (...). Há algum projeto maior sobre isso?”

O “QI” 137 eu devo enviar ao Henrique hoje ou amanhã. Combinamos de dar um tempo de 2 a 3 semanas entre o envio do “QI” impresso aos assinantes e a colocação do arquivo no site.

Quanto aos encartes, o primeiro motivo para não colocá-los disponíveis em PDF é para incentivar os interessados a fazerem a assinatura do “QI” impresso.

Os “QI”, a partir do número 100, eu tenho em arquivos digitais, e seria relativamente fácil enviar ao Henrique. A questão é que não acho que o site Marca de Fantasia deva ser entulhado de edições do “QI”, pelo espaço que isso ocuparia. Então, acho mesmo que a coisa deve ser feita em doses homeopáticas. Se o Henrique achar que, aos poucos, os exemplares anteriores devam também ser colocados, enviarei cada arquivo a ele. Já os exemplares que não possuem arquivos digitais, nem cogito no momento em escanear as páginas impressas, esse é um trabalho imenso e não dá para fazer.

A sua última pergunta, não sei se está perguntando em relação a mim ou se eu conheço alguém que esteja colocando fanzines disponíveis para baixar. Sei apenas que o editor do fanzine “Megalon” tem colocado os números antigos para download. Não tenho notícia de mais ninguém fazendo isso, mas confesso que não sou um vasculhador de internet. Pelo contrário, uso muito pouco, somente quando recebo uma dica boa, ou quando preciso de informação sobre algum autor ou personagem. Mas sempre deixa a desejar. E não acho algo factível colocar edições de fanzines antigos para download ou consulta em sites. Se um “QI” gastou 5 Mega, quanto precisaria de memória para fazer um banco de dados de fanzines? E quem vai fazer esse trabalho insano?

Outra consideração bem colocada: dado o histórico do “QI” (137 números, mais uma batelada de anexinhos, anexões e ‘curiosidades’), poderá acabar “o rabo abanando o cachorro”. Só não entendi as “doses homeopáticas”: Ou só alguns números do “QI” deveriam estar lá, ou todos que for possível – e, em ambas hipóteses, o ‘ritmo de inserção’ não alteraria o ‘resultado final’...

Na verdade, esta sua preocupação levanta a questão de ‘aonde’ as versões digitais deveriam ficar ‘hospedadas’, e por quanto tempo. Para mim, o ideal seria que ficassem disponíveis para todos e para sempre, como um serviço público, como os zines (de FC) do site <http://efanzines.com>.

Space is available on this site for any editor who wants to put an SF fanzine on line, in HTML, PDF, or any other standard format. There is no charge to editors or readers. I'm also happy to list other on-line SF fanzine sites. Please let me know if you'd like a link.

Lá, há centenas e centenas, talvez milhares contando todos os números, de fanzines e outras publicações do interesse dos fãs (de FC), e é tudo disponível de graça, inclusive a hospedagem. Agora, quem (e como) paga por isso, é algo que não sei; espero que o Sérgio Moro não decida investigar isso também...

Sua citação (“o editor do fanzine “Megalon” tem colocado os números antigos para download”, com relação ao Marcello Branco, amigo também do Cesar Silva) também é relevante aqui, pois o conheço, e sei do tempo, trabalho e custo que isso envolveu, para ele.

Por isso é que eu também tinha dito: “A digitalização dos fanzines (...) esbarra em problemas logísticos (...) exige gente com disposição (...)”. Mas se você tem arquivos digitais ‘adaptáveis’ a partir do “QI” 100, creio que nesse caso isso só seria um problema bem mais adiante... Também por isso é que tinha perguntado: “De sua parte, a preparação para a ‘digitalização’ envolve muito trabalho/tempo? Só para visualizar melhor o trabalho/tempo envolvido, pois sua correspondência com o Henrique, publicada no último “QI”, não permitiu isso.

Uma vez que eu tenha o arquivo DOC do “QI” pronto (o que é fato para o “QI” a partir do nº 100), para enviá-lo ao Henrique Magalhães, tudo dando certo, não gasto mais de meia hora. Mas é preciso que a internet esteja mansa, o que nem sempre é o caso. Para o “QI” 136 e para o 137 que já enviei, o Henrique recebeu os arquivos sem problemas, por isso não houve gasto adicional de tempo de minha parte. Mas o programa Word que ele usa não é exatamente a mesma versão do que eu uso, portanto, pode acontecer de ele abrir o arquivo e a formatação dos textos e páginas ter sido alterada. E aí? Só para dar um exemplo: assim que acabo de fazer o “QI” no Word, eu gero o PDF para levar à gráfica. Praticamente todas as vezes que faço isso, há alguma imagem que o conversor PDF não consegue converter, possivelmente pelo arquivo estar meio grande. Aí eu tenho que voltar a escanear a imagem com resolução menor, voltar a fazer

a conversão, e aí vai mais uma hora ou mais. O programa que o Henrique usa para converter em PDF não é a mesma versão que eu uso. Portanto, o problema pode ocorrer com ele. E aí? Tudo isso vai tomar tempo (meu e dele), por isso é preciso ir com calma, como estamos fazendo. Já disse o poeta (se não o menor, ao menos o mais magro): “Mas a vida é real e de viés...”

Acho que meus comentários acima já dão uma ideia de que esse tipo de coisa (disponibilizar acesso geral a zines, em forma digital) é, sim, factível, mas realmente depende de muito esforço e responsabilidade, no correr do tempo – e este realmente é um dos motivos de minha pergunta: “(...) Há algum projeto maior sobre isso?” Porque me parece que tal projeto só seria viável se houvesse um ou mais grupos ‘estruturados’ envolvidos a longo prazo, imaginei que, pelos seus contatos, talvez soubesse de algo assim, possivelmente envolvendo o ‘mundo acadêmico’ (talvez o próprio Henrique Magalhães tenha mais informações). Pegando “Megalon” como exemplo: Depois de todo o trabalho, os exemplares digitais estão ‘na internet’, mas de forma que só por sorte alguém interessado neles iria encontrá-los, e estão hospedados em site (imagino gratuito), mas sob a responsabilidade do Marcello; então, a longo prazo, isso não irá se manter, creio eu...

JOSÉ PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º eq - Lisboa - 1070-082 - Portugal

Acabei de lhe enviar um novo “Matt Marriott”, ‘A Senda para Little Big Horn’ e o volume 17 de “Rob the Rover”. Nossa coleção de Marriott é talvez a mais completa do mundo. Rob the Rover, a única, pensamos.

É para gente como você que trabalhamos. Gente que sabe apreciar qualidade. A série Matt Marriott tem 70 episódios e nós conseguimos obter 68. Como o último episódio não foi sequer completado por Tony Weare, ficam faltando apenas um, o que não deixa de nos confortar. Mas mesmo esse, estamos envidando esforços para conseguir. Tony Weare foi um autor sem paralelo e não haverá nunca outro igual, foi absolutamente ímpar. É mesmo só para os verdadeiros gourmets dos Quadrinhos! Do Rob the Rover não faltará uma única vinheta!

(A respeito de comentário que fiz sobre as editoras inglesas.)

Estes ingleses são mesmo “ingleses”... estranhos mesmo... Se o Walter Booth tivesse nascido francês, você veria o estardalhaço que os franceses fariam por ter sido francês o primeiro autor do mundo a desenhar La Bande Dessinée em versão realista... Assim os ingleses ou o ignoram ou o atiram para o sótão das velharias esquecidas. Têm dos melhores autores de quadrinhos que o mundo conheceu, mas não ligam nenhuma... God Save the Queen!

LINCOLN NERY

R. Helade, 111, ap.102 – Rio de Janeiro – RJ – 20730-490

O livro “Batman a Trajetória: Qual o Segredo do Morcego?” é mais um documento sobre a História que envolve o mítico personagem americano criado em 1939 por Bob Kane e Bill Finger. Desta vez focando em todos os acontecimentos que levaram ao filme “Batman vs Superman: A Origem da Justiça”, “Esquadrão Suicida” e todos os filmes programados pela Warner com personagens DC Comics para os próximos anos. Também abordando a história da publicação do herói no Brasil e mostrando personagens nacionais anteriores ao Cavaleiro das Trevas, mas que já traziam traços que lembram esse sucesso mundial, como o Homem Morcego de 1937. Também enfocando a série de TV “Gotham”, o game “Batman Arkham Knight”, “Batman 66”, Novos 52, Action Figures, etc.

E ainda textos inéditos de Edgard Guimarães (“QI – Quadrinhos Independentes”), Jorge Ventura (“Reverso do Morcego”), Rod Rongales (“Blenq”) e Sílvio Ribas (“Dicionário do Morcego”).

Escrevi a pedido de Lincoln Nery um artigo, ‘Batman no Brasil’, para inclusão em seu livro, e que me deu um bocado de trabalho. Agora que o artigo foi publicado, e não é mais inédito, eu o reproduzirei no próximo número do “QI”.

PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28-E – Santa Luzia – MG – 33140-250

Sigo aqui divulgando os filmes baseados em personagens de Histórias em Quadrinhos no meu grupo no Facebook. Procurem por CINE HQ.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Começo o meu comentário te dando os meus sinceros parabéns pela historinha do Poeta Vital. Você pegou na veia, como se diz na gíria, aquela alma pura na qual o personagem se refere – mais conhecido como “jararaca”. Devia ir para trás das grades e jogada a chave fora! Se esse nosso Brasil fosse um país sério, ele já estaria há tempo no xadrez. Vou parar por aqui para não estragar o dia. Gostei também dos outros teus artigos. Parabéns ao Womey pela bela entrevista feita com o meu querido e saudoso Eugenio Colonnese, um mago dos pincéis. Adorava a sua técnica, o seu talento, o seu capricho, o seu dom maravilhoso de desenhar, era e sou o seu fã nº 0. Outro ótimo artigo deste número é ‘Quadrinhos: Problema de Artistas Nacionais’, matéria enviada pelo Luigi Rocco, com a entrevista do José Menezes. E para finalizar, o depoimento do José Ruy. Beleza! Quero também te agradecer as 12 páginas de “Publicações Bonelli no Brasil”, muito bom. Quero te dar os parabéns pela linda ilustração do imóvel onde morou o seu avô, ficou mais linda ainda em formato grande e no papel amarelo. O Guilherme adorou, ele gosta muito de fazer desenhos de castelos e imóveis antigos, ele te envia um forte abraço. Estou te enviando o xerox da capa da revista “Nambi” nº 1, de outubro de 1953, editada pelo Salvador Bentivegna. E mais uma ilustração de um castelo de autoria do Gui Amaro. Em tempo: a revista “Nambi” era desenhada pelo artista espanhol Manoel Huete. Se não me engano, saíram 2 ou 3 números de “Nambi, o Pequeno Xavante”. O Salvador Bentivegna também publicou, em 1953, “Sérgio do Amazonas” de Jayme Cortez.

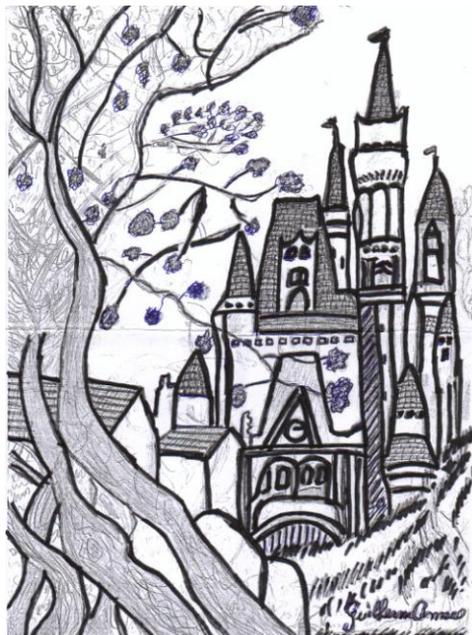


Ilustração de Guilherme Amaro.

ALEX SAMPAIO

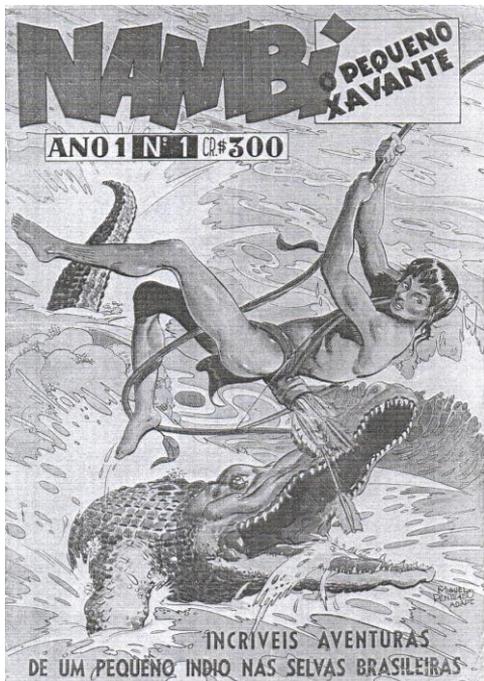
P. São Braz, Conj. 02, Bl. D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

O “QI” é o informativo de quadrinhos que mais gosto de ler. Difícil encontrar hoje publicações em bancas que abordam o mundo dos quadrinhos. Até os jornais cancelaram suas colunas sobre o tema e abordam algo esporadicamente. Vejo que o melhor meio de estarmos participando do mundo das HQs é através dos fanzines e nisso o “QI” faz sua parte com êxito.

Estava analisando as adaptações dos quadrinhos para o cinema e percebi claramente que o interesse dos estúdios é aproveitar a fama e a empatia dos personagens para cada vez mais arrecadar dólares. Nesse contexto, passam por cima das características, da cronologia, dos poderes e de tudo que for possível para atrair mais bilheteria. Modificam completamente as nuances dos personagens para que se possa trazer mais apoio comercial e financeiro. Contudo, devemos reconhecer a qualidade técnica, os ótimos efeitos e a criatividade das grandes produções para o cinema dessas obras consagradas.

Outro detalhe que percebi é que muitas vezes criticamos os editores por não apoiarem os quadrinhos nacionais, mas na verdade precisamos também de artistas que mereçam apoio e oportunidade, fornecendo às editoras obras com qualidade. Os nossos artistas sempre primaram por bons trabalhos, haja visto exemplos marcantes de Raio Negro, surgido em 1965 pelas mãos sensacionais de Gedeone. Circulou pela GEP e depois pela Grafipar. Tivemos também o Capitão 7, lançado em 1959 pela editora Continental, com capa ilustrada por Jayme Cortez. As edições de Capitão 7 tinham ótimos textos. O Capitão Estrela também circulou pela Continental. Em 1967 surgiram Mylar, Superargo e Escorpião, produzidos pelo Estúdio D’Art, de Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese. Superargo foi editado pela GEP. Escorpião e Mylar foram editados pela Taika. Em 1968 surgiu Fantastic, editado pela Taika. Também em 1968 apareceu o Carrasco pela mesma Taika. Em 1967 apareceu Golden Guitar pela editora Grauna. Em 1968 surgiu Mistyko também pela Grauna. Em 1968 a Edrel lançou Fikom. Em 1967 a Edrel lançou Super Heros e em 1969 ela lançou também Fantar. Morego veio em 1972 pela editora Roval. Em 1969 surgiu o ótimo Judoka pela Ebal, onde circulou até 1972. Foram muitos heróis brasileiros.

Comunico que este é meu novo e-mail: minqmail@gmail.com



Capa de “Nambi” nº 1, ilustração de Miguel Penteadó.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

R. Prof. Bernardino Querido, 1638 – Taubaté – SP – 12070-400

Gostaria de comunicar que não recebi o “QI” 136. Estou lhe enviando alguns quadrinhos institucionais, junto estou enviando algumas tiras para sua apreciação, espero que goste. Do “QI” 137, gostei da matéria do Homem Força, da entrevista do Eugenio Colonnese e do ‘Fórum’.

Já enviei outro exemplar do “QI” 136.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Eu já não me lembro das fotos que lhe enviei. A fachada é a sede do CPBD. Entramos e temos uma sala grande onde fazemos as exposições principais (neste caso, uma de ETC Coelho). Depois, mais atrás, há outra sala que não estamos a usar por enquanto. Embaixo e na cave temos duas salas de exposições, uma muito grande onde se encontra os ‘40 Anos de Atividade do CPBD’ e a exposição dos ‘80 Anos de “O Mosquito”’. Finalmente temos mais duas salas de arquivo, com prateleiras e armários para arrumar o acervo do Clube.

Quanto à sede do CPBD... é verdade, em duas das salas há reproduções de “O Mosquito”. Eu só tirei a alcatifa de uma delas. A outra ficou tapada, porque foi um trabalhão, pois estava sozinho e tirar uma alcatifa daquele tamanho já não é fácil para mim. Agora tenho que a por quando tirar a exposição, que será breve. O chão é uma ampliação fotográfica própria para o chão e pode-se andar por cima dela... mas claro que vai estragando a película... Foi uma ideia que toda a gente elogiou. Já estava feito desde 2006... Foi uma repetição que aproveitei.

Vou comprar a (revista) “Visão” com os (encartes) que forem saindo. O projeto é meu, mas toda a gente me bateu como do costume... Inicialmente a ideia era publicar os números um das principais revistas portuguesas de Banda Desenhada... seriam acompanhadas, cada uma, com um pequeno texto elucidativo. As dimensões eram para ser respeitadas. Não aconteceu nada disso e fui obrigado a arranjar à pressa as revistas que alguém lhes forneceu a imagem e a escrever os textos em duas horas ou menos. Não tenho culpa, mas não ia deixar de aproveitar esta iniciativa cujo custo foi de milhares de euros e perder a oportunidade de divulgar o CPBD.

A revista portuguesa “Visão” traz semanalmente, entre 23/03 e 28/04, fac-símiles de 6 revistas portuguesas de BD. São números avulsos de “O Falcão” (1960), “Mundo de Aventuras” (1973), “Jornal do Cuto” (1971), “Cavaleiro Andante” (1952), “Coleção Galo” (década de 1970) e “O Mosquito” (1936).

Receber a sua publicação “QI” é sempre um prazer, já que todos nós sabemos à partida, que a sua leitura irá contribuir para um enriquecimento dos nossos conhecimentos sobre as Histórias aos Quadrinhos. Em tempos escrevi um artigo sobre o nosso desenhador Eduardo Teixeira Coelho e lembrei, não só os seus vários trabalhos que se encontravam publicados em Portugal desde 1942 até emigrar em 1955 e depois tudo o que desenha o resto de sua vida em Inglaterra, França e Itália entre 1955 a 1980 e perguntávamos nós, onde estava o dormir, o comer e o descanso, face à quantidade de trabalhos que criou nestes anos... um manancial de pranchas e sempre com a qualidade que este artista nos habituou. O mesmo se poderá perguntar em relação às suas atividades, trabalhar num horário normal e depois ocupar-se da pesquisa das informações, recolhê-las, elaborar os artigos, fazer a composição da publicação, além de desenhar capas e contracapas de cada número, não é uma tarefa fácil. Mas a publicação do “QI” e o seu conteúdo demonstra afinal, que a tarefa encontra-se em boas mãos. Ainda bem, pois todos nós ganhamos com isso e como exemplo estão os seus artigos sobre a série ‘22-2000 Cidade Aberta’ (que não conhecia), sobre o ‘Homem Força’ (idem), ‘Edições de Fora’ e ‘Quadrinhos Brasileiros Bissexto’, com temas para informação. O ‘Fórum’ está cada vez mais ativo e melhor e tem servido para que os leitores da publicação possam ir trocando opiniões e informações. A exemplo disso verifica-se cada vez mais leitores a contactar com o editor no sentido de serem informados e, como interlocutores, já aparecem portugueses, sinal que a publicação está a ser divulgada de forma correta.

Em Portugal há já grandes especialistas nesta matéria, não só pelos blogs que têm surgido ultimamente sobre este tema, como pelos estudos que vão surgindo na imprensa. O maior problema é a distância que nos liga e os selos de correio serem caros. Este é também um problema que um editor tem, ao querer divulgar o seu trabalho. Mas o que importa é o resultado alcançado e esse é bem patente, não só pela aceitação da publicação, como a sua contínua edição bimestral. Reparei na publicação da antiga entrevista que fiz ao Jayme Cortez, esse grande desenhador que optou pela cidadania brasileira, embora nos tenha deixado algumas obras publicadas na revista “O Mosquito”, ainda que poucas. Também li o ‘Depoimento do José Ruy’, uma autêntica enciclopédia no campo das artes gráficas, e apesar da sua proveta idade, ainda tem uma mente bastante lúcida que nos tem ajudado e contribuído para ultrapassarmos algumas dificuldades, agora na reorganização do Clube Português de Banda Desenhada. A sua produção também continua a um ritmo acelerado e estão previstos serem lançados este ano mais duas obras suas: “A História de Arcos de Valdevez” e da “Ilha do Corvo”. José Ruy possui ainda capacidade excelente, o de ser fluente e em ligação com o CPBD já entrou em três palestras, uma sozinho, subordinado ao tema ‘Como Entrei para “O Mosquito”’, e duas acompanhado, sobre o Eduardo Teixeira Coelho e sobre o José Garcês nas suas produções para a revista “O Mosquito”.

Ultimamente e acompanhando a edição dos últimos números do “QI”, têm sido oferecidos alguns encartes. Estes dois últimos números trazem-nos o nº 3 da ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’ onde são divulgadas todas as personagens que foram publicadas no ‘Suplemento de Quadrinhos da Folha de S. Paulo’, obra gigantesca e preciosíssima para todos os colecionadores e curiosos. Nem de longe calculamos quantas horas teriam sido precisas para compilar uma informação destas. Outro dos encartes foca as ‘Publicações Bonelli no Brasil’, um modesto estudo elaborado por mim e completado por si, fornecendo a informação de algumas lacunas difíceis de colmatar para quem se encontra a 8.000 Kms de distância. Estamos sempre a tentar melhorar e a divulgar alguns dos conhecimentos que vamos colhendo sobre esta arte tão esquecida.

Carlos Gonçalves me enviou o livro “Os Doze de Inglaterra”, obra de Eduardo Teixeira Coelho, publicada originalmente no jornal “O Mosquito” em 1950 e 1951, em edição dirigida por José Ruy para a editora Gradiva.

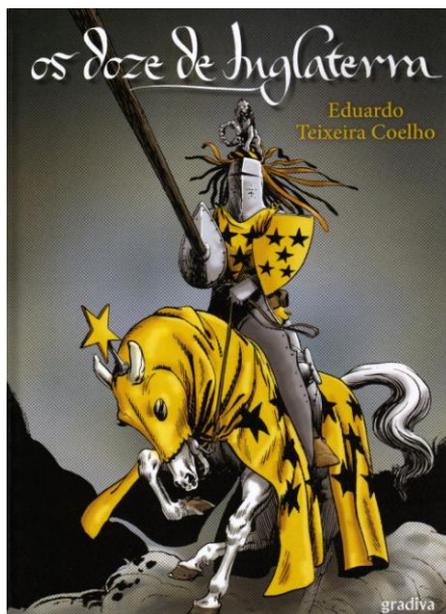




Imagem enviada por Roberto Simoni.

ANTONIO HENRIQUE LAENDER GUEDES

Pr. Lions Club, 40 – Teófilo Otoni – MG – 39802-012

Estou vendendo estas revistas antigas a preços populares, se você souber de alguém, por favor me escreva. Tenho também para vender cópias de mais ou menos 3500 filmes antigos, clássicos e westerns de Rocky Lane, Roy Rogers, Rex Allen, Bill Elliott, William Boyd, Charles Starrett, Lash la Rue, Ken Maynard, Tim Holt, Buster Crabbe e muitos atores de westerns seriados. São raridades antigas para colecionadores.

As revistas que Antonio Henrique tem para venda são “Filmelândia” de 1956, “Cena Muda” de 1942 a 1954, “Astros e Estrelas” de 1985, encadernados de “Cinelândia” de 1954 a 1957, além de vários livros sobre cinema.

FLÁVIO CALAZANS

R. Clay Presgrave do Amaral, 13 – Santos – SP – 11055-370

Você deve saber que estou terminando a “Cartilha de Direito Autoral” ampliada e atualizada da AQC pro Worney e Bira, de 4 mil palavras da original, já passei de 18 mil palavras e estou no terço final. Porém, depois de três pragas de cupim, perdi muita coisa e nem sei o que tenho se precisar procurar. Sei que você é a maior ou a única reserva de memória do quadrinho. Vou usar, sem citar nenhum nome, aquele caso de plágio que sofreu em janeiro de 1992, o jornal “Barlavento” publicou o caso com muito destaque em página inteira reproduzindo ambas HQs, eu enviei a revista que plagiou-me e ele (Fernando Vieira) era testemunha pois tinha o zine “Centauro Sem Cabeça”, de Aracaju, de 5 anos antes, ou seja, ele era testemunha do crime e ficou chocado, fez um texto longo. Não tenho este jornal, preciso que você descubra data, número, página e título da matéria e preciso da cópia escaneada em alta definição da página. Peço sua ajuda, pois travei neste capítulo desde semana passada, enquanto toco o capítulo de contratos.

Já localizei a página e já enviei os dados e o scan.

JOSÉ MENEZES

R. Ingelheim, 272 – Petrópolis – RJ – 25675-540

Fiquei muito surpreso e grato em rever uma reportagem sobre minha pessoa e minhas opiniões sobre o Quadrinho Nacional, os desenhistas nacionais e o mercado mundial, publicada em sua revista “QI” 137, que gentilmente me enviou. Ainda hoje, na casa dos oitenta anos, continuo desenhando tanto quadrinhos como ilustrando livros didáticos, pois a aposentadoria em nosso país, pela sua pequenês, nos obriga a trabalhar até quando Deus permitir... A luta por um lugar nos jornais ou revistas ainda é pequena, excetuando-se Mauricio e seus personagens. De qualquer forma, sei que muita gente jovem continua produzindo, o que é um grande estímulo que me enche de alegria!

JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-637

“QI” 137 – ótimo. Não poderia ser melhor. Gostei de tudo. Matérias sensacionais e o “Fórum”, nem se fala: muitas informações temos ali, e agora melhor ainda, pois vêm junto às cartas, fotos de páginas de quadrinhos, como no caso das páginas 20, 21 e 22. Eu não conhecia o “Raimundo, o Boiadeiro” do Edmundo Rodrigues, que eu tanto admirava e continuo admirando seus trabalhos. Para mim, Edmundo foi um dos melhores desenhistas de HQs do mundo! Parabéns por mais esta espetacular publicação, nº 137, e também das “Publicações Bonelli no Brasil”, excelente trabalho.

**Divulgação do “QI” 137 feita por
CESAR SILVA em seu blog:
<http://mensagensdohiperespaço.blogspot.com>**

Está circulando o número 137 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos quadrinhos, destacando a produção independente e os fanzines brasileiros. Esta edição vem com 32 páginas e traz seqüência do depoimento de José Ruy sobre o periódico português “O Papagaio”, artigos do editor sobre o Homem Força, a 32ª edição do prêmio Angelo Agostini realizada em janeiro último, mais um episódio da série “Quadrinhos Brasileiros Bissexto”, e os artigos “Quadrinhos de Fora”, “Problemas de Artistas Nacionais” (transcrito de material da distribuidora ECAB de 1978) e “Coleção que Vale CR\$ 80 milhões” (transcrito da revista “Superboy” de 1966).

Também publica quadrinhos de Assis Lima, Chagas Lima e do próprio editor, além das seções “Fórum”, “Mantendo Contato” e o catálogo “Edições Independentes” com os lançamentos do bimestre. A capa traz detalhe de uma ilustração de Guimarães, que vem completa num encarte maior, em papel amarelo.

Junto ao “QI” 137, os assinantes recebem o primeiro fascículo do “Registro sobre Publicações de Quadrinhos: Publicações Bonelli no Brasil”, que, em 12 páginas, faz o levantamento dos trabalhos dessa editora italiana no País. O estudo é de autoria de Carlos Gonçalves, com colaboração de Guimarães.

O “QI” é distribuído exclusivamente por assinaturas e não tem versão digital. Mais informações com o editor pelo email edgard@ita.br.

“QI” DIGITALIZADO

Por iniciativa do editor independente Henrique Magalhães, da editora Marca de Fantasia, o fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, finalmente ganhou uma versão digital. O primeiro número a ser disponibilizado é o 136, que foi comentado aqui. Para baixar o arquivo, em formato PDF, basta visitar a página do “QI” no site da Marca de Fantasia. O download é gratuito.

O fanzine ganhou interesse na versão digital, com muitas imagens em cores, incluindo alguns quadrinhos e o catálogo de publicações independentes, que ficou muito bonito. Edições anteriores e posteriores devem vir em breve.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

ENTREVISTA COM EUGENIO COLONNESE

Entrevista para **Worney Almeida de Souza (WAZ)** em maio de 2002 com a presença de **Oswaldo Talo**.
2ª PARTE

Worney: Oswaldo Talo, na fase da editora D-Arte, você fez todos os roteiros de Mirza, o que mudou na personagem, ela ficou mais violenta?

Talo: Acho que não. Tive que mudar um pouco para acompanhar a época, mas ela não mudou muito. Um argumento importante que eu criei foi a origem do nome. Ela seria uma condessa chamada Mirela Zamanova, daí o nome Mirza. Também existia uma personagem argentina chamada Mireza, então eu associei para explicar a origem da personagem. O Colonnese gostou da ideia e colaborou muito. Fiz também argumento com humor como a dos dois malucos da história 'Sepultada Viva!'.

Worney: E aquela história da Mirza ('A Força do Sangue', publicada na revista "Mestre do Terror" 23, em 1984) que o Rodolfo Zalla desenhou?

Colonnese: Eu nem participei. Ele fez e resolveu publicar. Mas ninguém gostou da troca de desenhista.

Worney: Os leitores gostaram da volta da Mirza?

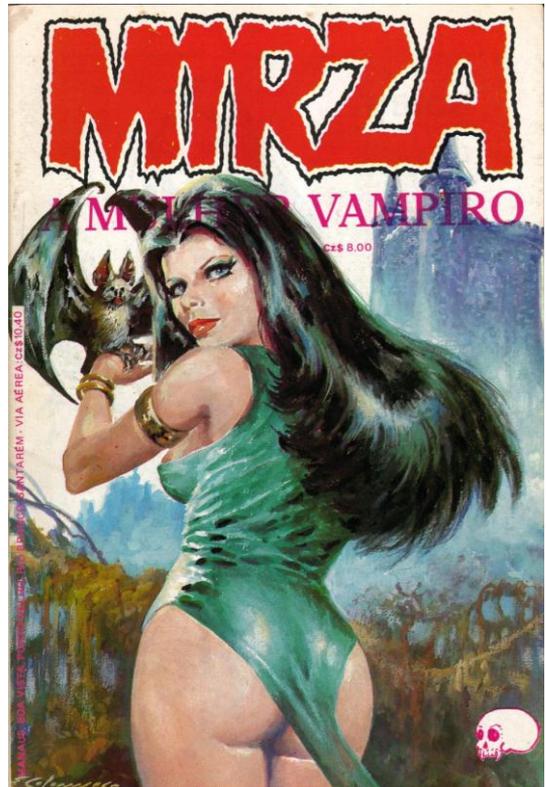
Colonnese: O pessoal adorou, inclusive a garotada. Hoje também meus alunos gostam muito e sempre procuram as revistas antigas.

Worney: Pela editora Press saíram duas revistas com duas histórias inéditas...

Colonnese: As duas histórias tinham roteiros meus. Quem tratou da edição e da publicação foi o Wagner Augusto, meu agente.

Worney: Uma capa do primeiro número da revista da editora Press virou um símbolo da personagem. Ela está de costas com um morcego pousado na mão esquerda e um castelo ao fundo... E você realçou a bunda dela, antes os desenhos destacavam as pernas e as coxas...

Colonnese: O original está num quadro. Eu pintei em guache. A pose foi mais pelo gosto brasileiro. E virou uma ilustração meio oficial da Mirza.



Worney: Como foi a ideia de fazer a edição especial "Os Grandes Momentos de Mirza, a Mulher Vampiro" pela editora Catânia, em 1989?

Colonnese: No ano anterior fizemos a "Antologia Brasileira de Terror" com material meu. Vendeu muito bem. E aí resolveram fazer a edição com a Mirza, mas a parte gráfica não ficou boa, apesar do bom texto de apresentação do Wagner Augusto. Essa edição também vendeu muito bem.

Worney: Nas histórias da Mirza só existiam dois personagens fixos: ela e o mordomo Brooks. Por que não haviam outros personagens?

Colonnese: O Brooks surgiu da inspiração da história do Corcunda de Notre-Dame.

Worney: A ideia era que o Brooks fosse apaixonado pela Mirza?

Colonnese: Não, apenas um fiel serviçal. A Mirza para ele é uma deusa. E ele não é um vampiro, apenas um ser humano feio e deformado.

Worney: Você nunca fixou um ambiente, uma cidade para ela...

Colonnese: No começo, não, mas depois ela teve algumas aventuras no Rio de Janeiro. Aquela história ‘Ilha Azul’, me inspirei na história de Luz del Fuego (artista brasileira assassinada nos anos 1950).

Worney: Você ficou nos livros didáticos até 1999, nesse período pediam para você retomar a personagem?

Colonnese: Não, mas todos se lembravam e gostavam da Mirza.

Worney: E a história que saiu na revista “Metal Pesado”?

Colonnese: Eu estava fazendo um trabalho para o Alvaro de Moya, para a revista da Abigraf e ele já estava trabalhando na editora Metal Pesado. Ele me convidou para fazer uma história no primeiro número da revista “Metal Pesado” e eu topei. E a história ficou bem erótica.

Worney: Você está fazendo uma nova HQ da Mirza?

Colonnese: O roteiro é do Franco de Rosa. O argumento é sobre um tema bem atual: sequestro. São 22 páginas para uma edição especial. Já produzi seis páginas.

Worney: A editora Opera Graphica publicou aquele álbum especial com roteiros e desenhos de Watson Portela chamado “A Última Missão” com a reunião de todos os seus personagens. O que você achou do resultado?

Colonnese: Me senti lisonjeado de um outro desenhista fazer uma homenagem dessa. O estilo é bem diferente e gostoso de ver. Ele não copiou meu estilo, mas fez meus personagens com o traço dele. Inclusive o roteiro era para que eu desenhasse, mas o Watson ficou tão empolgado que resolveu desenhar tudo. Saiu também na revista “HQ” uma história de um garoto (Márcio Baraldi com a HQ ‘Festa do Quadrinho Tupiniquim’ na revista “HQ” 2 em 1999) que desenhou a Mirza e o Mylar em forma de bonecos. Adorei.

Worney: Como é sua mecânica de trabalho?

Colonnese: Eu desenho uma página a lápis e logo faço a arte-final. Se eu fizer toda a história a lápis para depois arte-finalizar, eu perco o tesão. Nos anos 1960 eu só usava pincel, nos livros didáticos eu comecei a usar o bico de pena para melhorar os detalhes. Hoje eu uso canetinha e pincel. Eu sempre desenho os originais um pouco maior que os publicados.

Worney: A Mirza sempre usou roupas diferentes...

Colonnese: Eu gosto de mudar e manter a personagem atualizada com a moda.

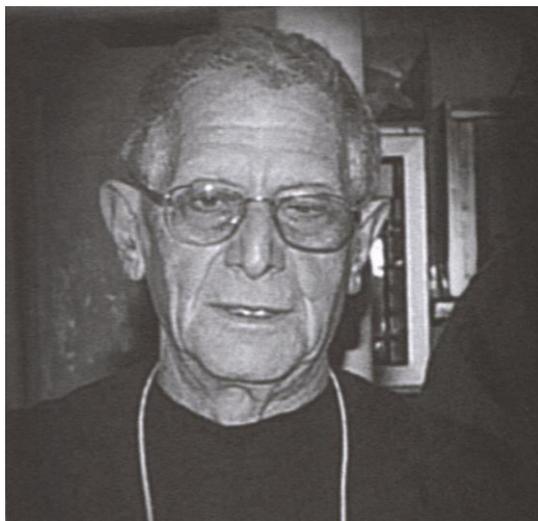
Worney: Você não trabalha com muitos quadrinhos por página?

Colonnese: Gosto de trabalhar com quatro ou cinco quadrinhos por página.

Worney: Afinal, qual a sua relação com a Mirza?

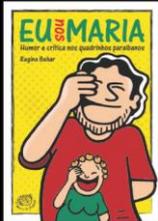
Colonnese: Eu gosto tanto da Mirza que tenho ciúmes dela.

PEQUENA BIOGRAFIA DE EUGENIO COLONNESE



Eugenio Colonnese nasceu na Itália e migrou criança para a Argentina e começou a publicar histórias em quadrinhos profissionalmente em 1949 na revista “El Tony”. Na década de 1950, publicou na editora Columba e desenhou a HQ ‘Tide War’ para a editora inglesa Fleetway Publications. Mudou-se para o Brasil em julho de 1964. Aqui, associou-se a Rodolfo Zalla e fundou o estúdio D-Arte, que produziu centenas de HQs para várias editoras paulistas. Até 1968 criou os personagens Mylar, O Caçador, Mirza, Morto do Pântano e Pele de Cobra. Em 1969 foi para a editora Ática fazer livros didáticos. Durante os anos 1970 produziu edições especiais para a Ebal e trabalhou na editora Saraiva. Já nos anos 1980, voltou para os quadrinhos e publicou na editora Vecchi (Angélica, a Filha de Satã) e na editora D-Arte, de Rodolfo Zalla, onde Mirza e o Morto do Pântano voltaram a ser lançados. Detentor de vários prêmios, entre eles o troféu Angelo Agostini como Mestre do Quadrinho Nacional, atualmente (em 2002) Colonnese é professor de desenho artístico e pintura da ESA (Escola Estúdio de Artes) e desenha edições especiais para as editoras Escala e Opera Graphica.

EDIÇÕES INDEPENDENTES



EU SOU MARIA:
humor e crítica nos quadrinhos paraibanos

Regina Behar
124p. 14X20cm.

Análise política e histórica da personagem
Maria no contexto da ditadura militar

www.marcadefantasia.com



MARIA strip... arrepiando na saia

Nadja Carvalho
88p. 14X20cm.

Ensaio que investiga "o que há por baixo da saia de Maria"

www.marcadefantasia.com

QUADRINHOS

ARQUIVO * n° 52 * fev/2014 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 *
Denílson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

BATMAN – A TRAJETÓRIA * 2016 * 170 pág. * A4 *
* capa dura color. * R\$ 88,51 * Lincoln Nery – a/c
www.clubedeautores.com.br.

BOIUNA * 2016 * 44 pág. * A4 * capa color. * Elmano Silva
– R. Professor Schutlzler, 466 – B. Costa e Silva – Joinville – SC –
89218-183.

CARTUM * n° 101 * mar/2016 * 28 pág. * A5 * color. * R\$
90,00 (assinatura anual) * Aldo Maes dos Anjos - R. Nova Trento,
758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

ELIMINADOR ESPECIAL 25 ANOS * jan/2014 * 8
pág. * A5 * R\$ 2,00 * Denílson Reis - R. Gaspar Martins, 93 -
Alvorada - RS - 94820-380.

EU SOU MARIA * Regina Behar – acompanha DVD *
2016 * 128 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 25,00 * Henrique
Magalhães – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB –
58045-180 – www.marcadefantasia.com.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * Rob the Rover em
inglês * n° 22 * 2016 * 68 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte
internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * Rob the Rover em
inglês * n° 23 * 2016 * 70 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte
internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 40 * 2016 * 46
pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires –
gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 41 * 2016 * 48
pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires –
gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 42 * 2016 * 52
pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires –
gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Garth * 2015 * 44 pág. * A4 *
capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires –
gussy.pires@sapo.pt.

GIBI DE FAROESTE * n° 3 * mar/2016 * 60 pág. *
180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

JORNAL GRAPHIQ * n° 101 * mar/2016 * 12 pág. *
280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * Mário Latino – C.P. 153 –
Suzano – SP – 08675-970.

KHNEIRA * n° 14 * fev/2016 * 8 pág. * A6 * Marcelo D.
Amorim – R. Anapurus, 32, cs.01 – São Gabriel – Belo Horizonte –
MG – 31980-210 – khneira@gmail.com.

LEITOR VIP * n° 33 * mar/2016 * 16 pág. * A5 * Aldo dos
Anjos - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

MARIA STRIP... Arrepiando na Saia * Nadja
Carvalho * 2016 * 92 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 20,00 *
Henrique Magalhães – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa –
PB – 58045-180 – www.marcadefantasia.com.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 118 * jun/2016 * 44
pág. * A4 * capa color. * R\$ 59,00 (ass. 4 n°s) * Diamantino da Silva
– R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP -
05640-903.

NOITE BLUES EM HAVANA * 2016 * 56 pág. * A5 *
capa color. * R\$ 26,15 * Francisco Vilachã – a/c
www.clubedeautores.com.br.

RECANTOS & CIVILIZAÇÕES * nov/2015 * 60
pág. * A4 * capa color. * R\$ 26,84 * Angelo Junior – a/c
www.clubedeautores.com.br.

UNIVERSOS FANTÁSTICOS * jul/2015 * 60 pág. *
A4 * capa color. * R\$ 26,84 * Angelo Junior – a/c
www.clubedeautores.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 261 * mar/2016 * 16 pág. * A4 * Ilma
Fontes – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

JUVENATRIX * n° 177 * abr/2016 * 12 pág. * arquivo pdf
via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

A TRÉPLICA * n° 9 * ago/2013 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 *
Denílson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

A TRÉPLICA * n° 10 * set/2014 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 *
Denílson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BERRO * nº 28 * W. Bastos – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24020-971.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA * nº 87 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

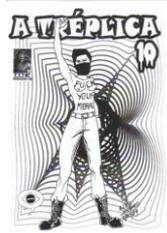
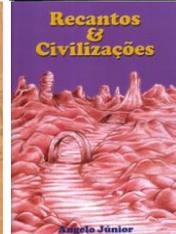
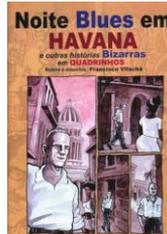
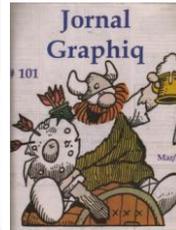
BOLETIM DA AFBN * nºs 1, 3 e 4/2016 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

O GARIMPO * nºs 128 e 129 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

VIDA E PAZ * nº 176 * Mauro Sousa – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * nº 146 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejiptio – Recife – PE – 50930-000.

GALERIA DE CAPAS



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou a cartilha ilustrada “Educando o Cidadão sobre a Tuberculose”, produzida pela Fundação Oswaldo Cruz; a revista de informação e passatempos “Saúde em Dia”, feita pelo grupo Coquetel para a Prefeitura de Santo André; a cartilha ilustrada “Vivendo Bem com Diabetes”, produzida pela empresa Abbott; anúncio ilustrado de combate a Zika, produzido pelo governo brasileiro, publicado no jornal “Super Notícia”; reportagem do jornal “Super Notícia” utilizando balões; cartilhas ilustradas “Nas Ruas de BH” n°s 1 e 3, produzidas pela Prefeitura de Belo Horizonte, com desenhos de Aroeira e Nani; cartilha ilustrada “Guia Prático do Código de Posturas”, da Prefeitura de Belo Horizonte; folheto ilustrado sobre coleta de lixo, da Prefeitura de Belo Horizonte; três (de um total de 60) folhetos em forma de Histórias em Quadrinhos com temas bíblicos, produzidos pela Sociedade Bíblica do Brasil; cartão do taxista Emerson, contendo cartum. **Luiz Cláudio Lopes Faria** enviou a cartilha ilustrada “Assédio Moral”, produzida pela Apeoesp; o folheto ilustrado “Área Azul” sobre estacionamento rotativo, da Prefeitura de Taubaté; e a cartilha ilustrada por Márcio Baraldi, “A Preocupante Situação da Escola Pública em São Paulo”, da Apeoesp.

WORNEY PROCURA

Worney fez uma lista de heróis brasileiros em geral (menos os de faroeste e terror) até 1974. Consultou seus arquivos, o catálogo de Lancelott e o livro de Eduardo Cimó. Gostaria de receber sugestões de nomes que estejam faltando.

ROBERTO SOROCABA (1934) RAFLES (1936)
 O GAVIÃO DO RIFF (1936) GARRA CINZENTA (1937)
 ORMUZ, O FAKIR (1937) JOÃO TYMBIRA (1938)
 HOMEM ELÉTRICO (1938) AUDAZ (1939)
 JORIO (1940) Três Legionários da Sorte (1941)
 Y JUCA PIRAMA (1941) O VINGADOR (1943)
 MORENA FLOR (1947) DIANA, A CAÇADORA (1949)
 CAPITÃO ATLAS (1951) PERI (1951)
 DICK PETER (1952) ALEX (1952)
 CAPITÃO ASTRAL (1953) CORSÁRIO VERDE (1953)
 JOÃO DE SOUZA (1953) JONY CICLONE (1953)
 JON CARTER (1953) KORME (1953)
 SIMÃO BRASIL (1953) JANE WEST (1953)
 MILTON RIBEIRO (1953) ELETRA (1953)
 LEO, O DESTEMIDO (1953) SIERRA LANE (1953)
 TAMBÚ (1953) ZORA (1953)
 NEY FOGUETE (1953) CAPITÃO BRASIL (1953)
 STEVE KIRBY (1953) JERÔNIMO (1953)
 TELECO E TIM (1953) CAPITÃO JÚPITER (1953)
 FLÁVIO, O CORSÁRIO (1953) PATRULHA SIDERAL (1953)
 FALCÃO NEGRO (1954) RAIMUNDO Cangaceiro (1954)
 Legionário Invencível (1958) Justiciero Fantasma (1958)
 ANJO (1959) CAPITÃO 7 (1959)
 FLAMA (1960) TITAN (1960)
 JET JACKSON (1961) CAPITÃO ESTRELA (1961)
 Vigilante Rodoviário (1961) TUBARÃO VOADOR (1961)
 22-2000 Cidade Aberta (1961) SEPÉ TIARAJU (1961)
 VINGADOR (1961) ABA LARGA (1962)
 GAÚCHO (1963) Sérgio do Amazonas (1963)
 CAPITÃO COMETA (1964) ESCORPIÃO (1965)
 RAIO NEGRO (1965) HOMEM LUA (1965)
 HYDROMAN (1965) FANTASTIC (1966)
 CAPITÃO AMAZONAS (1966) CAÇADOR (1966)
 GOLDEN GUITAR (1967) Homem Microscópico (1967)
 SATANIK (1967) DETETIVE NELSON (1967)
 U 235 (1967) SATÁ, a Alma Penada (1967)
 MYLAR (1967) MYSTIKO (1967)
 NAIARA (1967) HEROS (1967)
 GATO (1967) ESCORPIÃO (1967)
 X-MAN (1967) PELE DE COBRA (1967)
 BOLA DE FOGO (1967) HOMEM FORÇA (1967)
 SUPERARGO (1967) CANARINHO (1967)
 JUCA PIRANHA (1968) CAPITÃO BLACK (1968)
 TARUN (1968) ZHOR, O ATLANTE (1968)
 VISG (1968) PABEYMA (1968)
 JUVÊNCIO (1968) HOMEM FERA (1968)
 CARRASCO (1968) KARATÊ 09 (1968)
 Patrulheiro Fantasma (1968) TARGO (1969)
 A SOMBRA (1969) ALL SCOTT (1969)
 FLAVO (1969) HUR (1969)
 JONY STAR (1969) FANTAR (1969)
 CHICO DE OGUM (1969) O CARECA (1969)
 SAM TORK (1969) Sibebe, o Espião de Vênus (1969)
 JUDOKA (1969) Náufragos do Espaço (1970)
 O MORCEGO (1970) KARATE MEN (1970)
 HOMEM JUSTO (1970) JANA (1973)
 FIKOM (1973) KUNG FU (1973)
 SANJURO (1973) MÁSCARA DE PRATA (1973)
 CAPITÃO AZA (1973) MÃO DE FERRO (1973)
 Cavaleiro Escarlate (1974) ZODIAKO (1974)
 CAPITÃO CAATINGA (1974) ALEX E CRIS (1974)



TIRANDO O CHAPÉU

Embora seu trabalho mais importante seja sem dúvida 'Príncipe Valente', Hal Foster era um artista de primeiro time antes mesmo de se enveredar pelas Histórias em Quadrinhos. A imagem abaixo é apenas uma de centenas de ilustrações que fez para agências de publicidade, sendo que algumas das mais belas usaram como tema os membros da Polícia Montada Canadense.

Esta ilustração foi retirada do livro "Hal Foster – Prince of Illustrators – Father of the Adventure Strip", Vanguard Productions, 2001.



Estudo n.º 1

Edgard J. de F. Guimarães

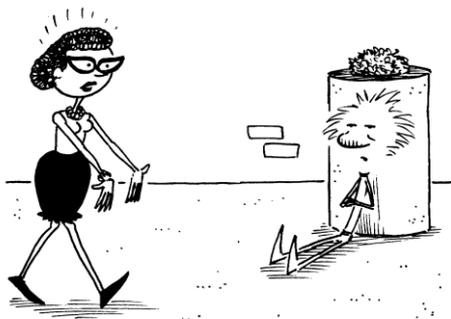


EDGARD
GUIMARÃES
L20•01•79

O primeiro "Estudo" do que deveria ser uma série, mas ficou só nesse, lá no longínquo 1979. Imagino que deveria haver cenário, mas não teve.

Poeta Vital

NOSSA! A POPULAÇÃO ESTÁ DIVIDIDA NA POLÍTICA, UNS TRATANDO OS OUTROS COMO INIMIGOS. ONDE ESTÁ A TOLERÂNCIA?



QUE PENSAMENTO NOTÁVEL! DE FATO, NÃO É RAZOÁVEL IMAGINAR QUE UMA METADE SEJA SANTA, E NA OUTRA A MALDADE SEJA TANTA...



HA, SIM, QUE RESPEITAR CADA PENSAMENTO DISTINTO, O MODO COMO ME SINTO NÃO TEM QUE, COM O SEU, COMBINAR, O MUNDO É ASSIM!



MAS, E A MORAL, A ÉTICA E A LEI, CADA UM PODE TER A SUA? AQUILO QUE SE ANUA, PELO QUE SEI, É A BASE DO CONTRATO SOCIAL.



É PARA A TUDO SER TOLERANTE? AO SEQUESTRADOR, AO TRAFICANTE? AO ASSALTANTE DE BANCO, AO BANDIDO DE COLARINHO BRANCO? E OS TERRORISTAS NA EUROPA, É SÓ QUESTÃO DE "QUALE A RÓPA"?



O CRIME, O MALFEITO, A CORRUPÇÃO, O DESAFIO À CONSTITUIÇÃO, DE TODA A LEI, A INOBSERVÂNCIA, EXIGE UMA SÓ COISA DO SUJEITO: A INTOLERÂNCIA!

